



Universidade de Brasília

Departamento de Psicologia Clínica e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica Cultura

**ADOLESCÊNCIA E AS FANFICS: UMA
TENTATIVA DE ELABORAÇÃO DO
TRAUMÁTICO PELA NARRATIVA**

Carlos Eduardo dos Santos Sudário

Julho/ 2023

CARLOS EDUARDO DOS SANTOS SUDÁRIO

**ADOLESCÊNCIA E AS FANFICS: UMA
TENTATIVA DE ELABORAÇÃO DO
TRAUMÁTICO PELA NARRATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dr^a Deise Matos do Amparo

BRASÍLIA

2023

CARLOS EDUARDO DOS SANTOS SUDÁRIO

**Adolescência e as fanfics: uma tentativa de
elaboração do traumático pela narrativa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Aprovada em: _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Deise Matos do Amparo

Universidade de Brasília

(Presidente)

Prof^a. Dra. Kátia Cristina Tarouquella Brasil

Universidade de Brasília

(Membro interno)

Prof. Dr. Roberto Menezes de Oliveira

Centro Universitário Euro Americano - UNIEURO

(Membro externo)

Prof^a. Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedroza

Universidade de Brasília

(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer àqueles que me ensinam o percurso que me proponho: aos meus pacientes, sem os quais nada saberia. Dedico a vocês meus esforços e estudos!

Agradeço à minha orientadora Deise pela paciência, pela construção deste estudo e por não ter me deixado ceder do meu desejo.

Ao meu pai, Francisco, por ser exemplo de trabalho e dedicação, e minha mãe, Júlia, por ter me ensinado o cuidado e a perseverança. E aos dois pelo apoio que me permitiu chegar aqui!

À minha família: Isa, minha irmã, Nivalda, minha prima, e a todas as mulheres dessa extensa família, pela força que inspiram. Aos meus outros parentes por colaborarem com quem me tornei, dando-me o carinho que me faz tão confiante e amado.

Aos meus amigos: Ivanete, Shara, Rafa, Rodolfo, Wallisson, Lucas, Layon, Letícia. Farei um agradecimento individualizado para a Iris, porque desde nosso primeiro dia essa amizade tem sido um porto seguro para onde sempre corro. Ao Marcos pela companhia no mestrado. Vocês que mais de perto ouviram minhas angústias, minha gratidão. São tantos amigos que me faltariam linhas para agradecer, então sintam-se agradecidos. Eu não seria o Kadhu que sou se não tivesse a amizade de vocês.

Aos meus colegas-amigos do mestrado: Muriel, Mariana, Alessandra e Eduardo. Vocês foram ponto de apoio nas agruras. Fomos especiais.

À minha banca: Kátia Brasil e Regina Pedroza, pela leitura e contribuições ao meu estudo. Ao Roberto, Bob, por me acompanhar, sendo minha banca na graduação, meu supervisor de prática e agora banca do meu mestrado! muito me ensinou!

Ao Gabriel por ter colaborado, incentivado e me apoiado de forma incondicional e sempre muito vivaz! Obrigado pelo teu carinho sempre!

RESUMO

A adolescência caracteriza-se como um período de vulnerabilidade narcísica em que há, da parte do sujeito, temores sobre a própria continuidade da existência enquanto sujeito. Nesse processo, há muitas mudanças ocorridas nas relações, bem como do sujeito com seu próprio corpo pondo em relevo os pares "dependência/autonomia e narcisismo/relação objetal". A adolescência, também, é uma construção sócio-histórica, e como produto da compreensão de determinada sociedade é situada no tempo e no espaço circunscrito sendo afetada pelas peculiaridades da cultura. Com a popularização do uso de smartphones, uma fatia considerável da população, sobretudo os mais jovens, tiveram à mão um aparelho com acesso à internet. Uma enorme quantidade de aplicativos foi criada para fornecer ao usuário de um smartphone uma experiência rápida de acesso. Assim, aplicativos como Nyah Fanfiction, Spirit Fanfics, puderam ser acessados por inúmeras pessoas, e possibilitou aos leitores o acesso às obras de pessoas ditas anônimas. Nesse contexto de publicações de textos autorais em plataformas na internet que este trabalho se debruça a analisar de forma exploratória as fanfics, histórias publicadas por adolescentes em plataformas abertas. Propomos como hipótese que a narrativa parece funcionar como ferramenta possível no que se refere à possibilidade de inscrever o sujeito na cultura, por meio do uso de objetos culturais, bem como se torna um dispositivo de simbolização. As perguntas de pesquisa que nos direcionaram, foram: as fanfics constituem-se como dispositivo de simbolização do traumático na adolescência? A escrita, nesse contexto, é um mediador que possibilita a simbolização de processos mentais, incluindo os conflitos? Como estas histórias podem ajudar o clínico na condução do tratamento de adolescentes que fazem uso destas plataformas? Realizamos uma pesquisa exploratória com o método clínico qualitativo com interpretação psicanalítica. Inicialmente foi enviado aos autores mensagem de texto com o convite formal para responderem a um questionário com oito perguntas e autorizarem o TCL. Com o questionário foi obtido dados gerais, a finalidade com que cada autor escreve, os benefícios da escrita, e a percepção de benefício na relação entre psicoterapia e escrita. Em um segundo momento foi realizada uma análise documental de textos produzidos no formato fanfic, publicadas na plataforma <https://www.spiritfanfiction.com/>. Uma plataforma de escrita e publicação online de textos criados por fãs a partir de histórias baseadas em cenários pré-existentes tais como filmes, livros, séries, animes etc. Esta plataforma foi escolhida pelos recursos apresentados, como as categorias e TAGS. Os textos/autores foram selecionados a partir do ranking de relevância na categoria de acessos. O intuito foi de predispor as 30(trinta) primeiras histórias ranqueadas no site sob a palavra chave/TAG: "terapia". A escolha da categoria se fez em virtude de conter nas histórias-fragmentos, relatos que a princípio pareceu ser sugestivo de reformulações ou avanços na posição subjetiva dos autores e na exposição sistemática de descobertas de si. Os resultados mostram que a narratividade é uma atividade inerente ao ser humano, produtor de arte e objetos culturais. As fanfics são um importante recurso utilizado por adolescentes com as mais diversas funções, no âmbito do lazer, identificação com personagens, elaboração de conflitos, sintomas, angústias existenciais, emoções, dentre outros aspectos subjetivos. São como uma modalidade de atividade que possibilita a um anônimo tornar-se escritor, criador de uma história, e ter como público pessoas também anônimas que se dedicam a acompanhar as produções em plataformas digitais e testemunharem a vida psíquica do escritor.

Palavras-chave: fanfic; fanfictions; simbolização; traumático; fantasia; adolescência.

ABSTRACT

Adolescence is characterized as a period of narcissistic vulnerability in which the individual experiences fears about their own continuity of existence as a subject. During this process, there are many changes in relationships, as well as in the individual's relationship with their own body, highlighting the pairs of "dependence/autonomy and narcissism/object relations". Adolescence is also a socio-historical construct, and as a product of a particular society's understanding, it is situated in a specific time and space, being influenced by the peculiarities of culture. With the popularization of smartphone usage, a considerable portion of the population, especially young people, had access to a device with internet connection. Numerous applications were created to provide smartphone users with quick access experiences. Thus, apps like Nyah Fanfiction, Spirit Fanfics, became accessible to many people, enabling readers to access works by anonymous individuals. In the context of publishing original texts on internet platforms, this work aims to explore the analysis of fanfics, stories published by teenagers on open platforms. We propose the hypothesis that narrative seems to function as a possible tool for inscribing the subject into culture through the use of cultural objects, as well as becoming a symbolization device. The research questions that guided us were: do fanfics constitute a symbolization device for the traumatic aspects of adolescence? Is writing, in this context, a mediator that allows for the symbolization of mental processes, including conflicts? How can these stories assist clinicians in treating adolescents who use these platforms? We conducted an exploratory research using a qualitative clinical method with psychoanalytic interpretation. Initially, a text message was sent to the authors, formally inviting them to answer a questionnaire with eight questions and authorize the use of their texts for the research. The questionnaire provided general data, the purpose of each author's writing, the benefits of writing, and the perceived benefit in the relationship between psychotherapy and writing. In a second stage, a documentary analysis was carried out on texts produced in fanfic format, published on the platform <https://www.spiritfanfiction.com/>. This platform allows fans to write and publish online texts based on pre-existing scenarios such as movies, books, series, anime, etc. It was chosen for its available features, such as categories and tags. The texts/authors were selected based on their relevance ranking in the access category. The intention was to analyze the first 30 ranked stories on the site using the keyword/TAG: "therapy". This category was chosen because the stories contain fragments and accounts that initially seemed suggestive of reformulations or advances in the authors' subjective position and the systematic exposure of self-discoveries. The results show that narrativity is an inherent activity of human beings, producing art and cultural objects. Fanfics are an important resource used by adolescents for various purposes, including leisure, identification with characters, elaboration of conflicts, symptoms, existential anxieties, emotions, and other subjective aspects. They are a form of activity that allows an anonymous person to become a writer, the creator of a story, with an audience of anonymous people who dedicate themselves to following the productions on digital platforms and bearing witness to the writer's psychic life.

Keywords: fanfic; fanfictions; symbolization; traumatic; fantasy; adolescence.

ÍNDICE

CAPÍTULO I: A ADOLESCENCIA E O TRAUMÁTICO E O DISPOSITIVO ANALÍTICO EM EXPANSÃO	13
1.1 A ADOLESCÊNCIA NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA	13
1.2 A ADOLESCÊNCIA E A CLÍNICA DO ATO/AGIR.....	21
1.3 O dispositivo analítico em expansão: o lugar da narrativa	29
1.4 O recurso virtual como forma de narrativa na adolescência.....	33
1.5 O adolescente e a narrativa virtual em aplicativos	39
1.6 A fanfic e os processos de identificação.....	44
CAPÍTULO 2: MÉTODO	49
2.1.A PESQUISA QUALITATIVA E PSICANÁLISE	49
2.2. CONTEXTO E PARTICIPANTES	50
2.3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA	51
2.4 ANÁLISE DOCUMENTAL DAS HISTÓRIAS DAS FANFICS PRODUZIDAS PELOS AUTORES ANÔNIMOS.....	52
2.5. PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS	52
2.6. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS	54
CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÃO: OS ADOLESCENTES E A NARRATIVIDADE POR MEIO DA ESCRITA DAS FANFICS	57
3.1. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	58
3.1.1. Do perfil dos respondentes.....	58
3.1.2. Questões fechadas preliminares sobre a fanfics	58
3.1.3. Finalidade da escrita das fanfics.....	58
3.1.4. RELAÇÃO DA ESCRITA DAS FANFICS COM O TEMA TERAPIA	59
3.1.5. Identificação do autor com o personagem.....	60
3.2. QUESTÃO ABERTA: “SE HOUVE ALGUM BENEFÍCIO, VOCÊ PODERIA FALAR SOBRE ELE? (SE NÃO HOUVER, IGNORE).”	61
3.3. Análise de conteúdo das Fanfics	63
3.3.1. Fanfics e Saúde mental e emocional	65
3.3.2. Fanfics e Autoconhecimento.....	66
3.3.3. Fanfics e Relacionamentos Interpessoais e familiares	67
3.3.4. FANFICS E DESCOBERTA E ACEITAÇÃO DA SEXUALIDADE	67
3.3.5. Análise das histórias narradas nas fanfics.....	68
3.3.6. As fanfics como narrativas dos conflitos e apoios	69
3.3.7. As fanfics como narrativas das vulnerabilidades.....	70
3.3.8. As fanfics como narrativas de busca de apoio e autoconhecimento.....	72

3.3.9. <i>Fanfics como narrativas e expressão de pensamentos e sentimentos</i>	73
3.3.10. <i>Temas das fanfics e sua relação com a psicanálise de adolescentes</i>	74
3.3.11. <i>As fanfics como forma de narrar angústias, emoções, afetos</i>	75
3.3.12. <i>As fanfics como forma de narrar comportamentos e sentidos dos sintomas</i>	78
3.3.13. <i>Fanfics como narrativa das relações, vínculos e laços sociais</i>	81
3.3.14. <i>A escrita da fanfic como compartilhamento de experiências, autoconhecimento e terapia</i>	85
3.3.15. <i>AS RELAÇÕES SOCIAIS, OS GRUPOS E SUA RELAÇÃO COM AS FANFICS</i>	86
3.3.16. <i>As fanfics como forma de autoconhecimento</i>	87
3.3.17. <i>Como a terapia é narrada – a transferência com o adolescente</i>	89
3.3.18. <i>Um mundo interior – um retorno para dentro</i>	92
3.3.19. <i>De quem é a terapia? a demanda de análise na adolescência</i>	95
3.3.20. <i>As fanfics na expressão das funções do grupo e da comunidade</i>	103
3.3.21. <i>As fanfics e a sexualidade</i>	106
3.3.22. <i>As fanfics e a simbolização</i>	109
3.4 PARA CONCLUIRMOS	118
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
5 ANEXOS	129
ANEXO 1 – DADOS GERAIS DAS FANFICS	129
ANEXO 2 – NÚCLEOS DE SENTIDO EXTRAÍDOS DAS FANFICS	130
ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO SOBRE OS AUTORES E FUNÇÕES DAS FANFICS	131
ANEXO 4 – E-MAIL-CONVITE AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	135

Introdução

Considerar uma temática tão ampla quanto a adolescência coloca diante de qualquer profissional questões bastantes pertinentes, quer seja pela complexidade desse período da vida, quer seja por não haver consenso a respeito das delimitações precisas dela. A adolescência é, muitas vezes, confundida com a puberdade, processo fisiológico que a antecede, e assim, corre-se o risco de reduzirmos este rico estágio da vida a meros marcadores biológicos.

Dessa forma, analisar o uso das tecnologias virtuais pelos adolescentes se faz uma necessidade, dado que não há quem escape dos avanços tecnológicos ou que não seja por estes afetados. Alguns setores, mais do que outros, demoram a atualizar-se enquanto prática, visto que diariamente inovações no campo tecnológico 'chegam ao mercado'. Não tentarei fazer uma análise do quanto a produção de novos dispositivos eletrônicos relaciona-se com o modo de vida capitalista. Entretanto, é preciso dizer que, submetidos ao extenso arsenal de inovações, lidar com as relações entre tecnologia e adolescência torna-se um desafio ainda maior para gerações "mais antigas".

A adolescência não é um fenômeno biológico, e por isso mesmo, é tão difícil encontrar marcadores que explicitem seu início e término. Ela é uma construção social recente, e desta forma, varia conforme a compreensão de determinados autores ou conforme a região geográfica em que é estudada. Quero com isso dizer que ela é uma construção sócio-histórica-cultural, e como produto da compreensão de determinada sociedade situada num tempo e num espaço circunscrito, carrega consigo concepções de ser humano e de desenvolvimento, o que leva a práticas de cuidado das mais diversas.

A OPAS-Organização Pan-Americana de Saúde, destaca que os adolescentes representam cerca de 30% da população da América Latina e Caribe (OPAS, 2021). A Organização Mundial da Saúde- OMS, por meio da OPAS, em 2018, divulgou um guia de orientações sobre implementação de políticas de cuidado para essa fase da vida, e fez saber que, enquanto marcador temporal, a adolescência é o período compreendido como faixa etária de 10 a 19 anos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe que o adolescente é a pessoa entre 12 e 18 anos (Brasil, 1990). É importante ressaltar que um marco cronológico existe porque permite a elaboração de políticas públicas, avaliações ou investigações epidemiológicas e direcionamentos de serviços, como é o caso da assistência social. Entretanto, ao fazê-lo, corre-se o risco de reduzir toda a complexidade do fenômeno da adolescência aos marcadores biológicos, desconsiderando as diversas facetas dessa fase da vida, como é o caso do desenvolvimento social e psicológico.

Uma outra questão a ser abordada nesta pesquisa é o que se refere às *fanfics*¹(ou *fanfictions*) como forma de narratividade na adolescência e mecanismo de simbolização. Propomos como hipótese que a narrativa parece funcionar como ferramenta possível no que se refere à possibilidade de inscrever o sujeito na cultura, por meio do uso de objetos culturais, bem como se torna um dispositivo de simbolização. As perguntas de pesquisa que nos direcionaram, foram: as fanfics constituem-se como dispositivo de simbolização do traumático na adolescência? A escrita, nesse contexto, é um mediador que possibilita a simbolização de processos

¹ Fanfics ou fanfiction são histórias narradas, em geral em plataformas digitais, que permitem ao escritor dar novos enredos a filmes, histórias em quadrinhos, obras literárias e series.

mentais, incluindo os conflitos? Como estas histórias podem ajudar o clínico na condução do tratamento de adolescentes que fazem uso destas plataformas?

As fanfics são formas de narratividade que possuem recursos os mais diversos e com várias funções especialmente no lazer e na vida psíquica do escritor e como possibilidade de produção de aspectos subjetivos. Discute-se também a possibilidade de ser um recurso para usos dentro da psicoterapia de orientação psicanalítica com adolescentes.

De muito se sabe do interesse da Psicanálise pela literatura. Para além da escrita poética e de escritos autorais, foi despertado pela prática de consultório o interesse neste pesquisador por esse recurso amplamente utilizado por alguns sujeitos, em especial aqueles adolescentes.

Dentro deste contexto, deu-se o interesse por investigar as potencialidades do uso de histórias narradas e escritas em aplicativos virtuais para o trabalho analítico, sobretudo no que diz respeito à simbolização.

Tendo em vista que a adolescência é atravessada pela presença desses aplicativos como formas de lazer e outros, e que a narratividade exerce influência sobre aspectos psicológicos, é necessário pensar em que medida essas narrativas podem ser úteis para conhecer a vida psíquica dos autores. Para isso, importa-nos refletir sobre qual alcance tem a escrita como via de simbolização e em como a narratividade pode ser integrada ao tratamento de adolescentes como recurso para simbolização e dispositivo para narrar.

Fazer a proposição de que trata-se de um dispositivo que seja singular e ao mesmo tempo se ofereça como meio maleável para simbolização exige compreender

o lugar da fala, as condições da escrita, os processos inconscientes envolvidos na confecção das ficções, as fics, e manejar o enquadre para acolher as mudanças sociais que surgem, ao mesmo tempo em que se abre um campo de investigação para o uso das novas tecnologias em favor de uma reorientação do dispositivo analítico de escuta para adolescentes que fazem uso das fanfics. As fanfics são como uma modalidade de atividade que possibilita a um anônimo tornar-se escritor, criador de uma história, e ter como público pessoas também anônimas que se dedicam a acompanhar as produções em plataformas digitais e testemunharem a vida psíquica do escritor.

CAPÍTULO I: A ADOLESCENCIA E O TRAUMÁTICO E O DISPOSITIVO ANALÍTICO EM EXPANSÃO

1.1 A adolescência na perspectiva da psicanálise contemporânea

Podemos situar a adolescência como um momento de vida que ocorre após o início da puberdade e desenvolve-se durante todo este momento biológico. Contudo, apesar de se dar essencialmente após as mudanças físicas iniciadas na puberdade, a adolescência não está restrita a mudanças corporais, somente, mas também inclui essa materialidade.

Ela também marca o princípio de uma maior participação do sujeito na vida familiar, em outros grupos além da família e escola, como o é a participação na vida política, por exemplo. Com isso, desencadeia-se uma série de mudanças tanto dos aspectos da socialização, corporais e principalmente, dos aspectos psíquicos. O tempo da adolescência é caracterizado por uma maior participação da pessoa em desenvolvimento tanto nas questões sociais, profissionais e, por vezes, no campo das relações afetivas.

A entrada na adolescência marca diversas possibilidades: o voto, à voz, bem como à sexualidade da forma como a conhecemos na vida adulta. As mudanças corporais fizeram de um corpo que tinha menos liberdade e indícios de potência, um corpo potente. Dotado de novas sensações, provindas tanto do ambiente interno quanto do externo, este sujeito tem diante de si o desafio de encontrar um lugar subjetivo para se apropriar.

É fundamental ressaltar que Freud não teceu considerações a respeito da adolescência em si. Entretanto, entende-se como fundamental para entender a questão da adolescência na psicanálise o texto *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905) em que Freud aborda de maneira mais explícita as consequências das mudanças corporais sobre o psiquismo e realiza uma teorização a respeito do impacto psíquico destas sobre a constituição deste sujeito. Dentre suas considerações, ele aponta para o posicionamento do sujeito no campo da sexualidade, um novo ordenamento das pulsões agora estando sobre a primazia dos genitais, alterações no autoerotismo e possibilidade do encontro com um novo objeto amoroso e o desligamento dos pais.

Há um descompasso entre as mudanças físicas, sociais, relacionais e o desenvolvimento psicológico. São endereçadas demandas a este indivíduo que se encontra em desenvolvimento que nem sempre são possíveis de concretização (ilustradas nas falas "você já é um/uma rapaz/moça!"). Junto com isso, há demandas internas surgidas do contato com inúmeras novas sensações provenientes do mundo interno e das fantasias inconscientes. O fim do período de latência e o despertar da sexualidade tal como a conhecemos na vida adulta é efetuada por diversos remanejamentos da vida pulsional e que fomentam inúmeras novas sensações no adolescente.

Mesmo a adolescência não sendo um conceito delimitado pela psicanálise freudiana, nem por isso deixou de ser teorizada pelos pós-freudianos. Não há na obra freudiana uma referência clara a adolescência como construto, mas há apontamentos sobre o efeito das mudanças físicas. Dentre os autores pós-freudianos, destacam-se trabalhos de grupos winnicotianos, kleinianos, lacanianos e da escola francesa.

É importante ressaltar o conceito que trabalharei durante este trabalho. Assim, a adolescência a qual irei me referir não é a mesma de outras áreas de saber. Não irei trabalhar com a adolescência do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, em que se considera os aspectos da aprendizagem como um dos conceitos centrais. De igual forma não abordarei a adolescência da sociologia, com as formações dos grupos, ou a da fisiologia, que a considera a partir da maturação e função dos órgãos sexuais, nem a da antropologia, com a ritualização que permite ao sujeito aceder ao grupo social a que está inserido.

Neste trabalho a adolescência e a forma como esta será discutida tentará sustentar-se sobre as produções advindas das teorizações de pós-freudianos de diversas escolas. Estes autores discutem este fenômeno complexo e possuem contribuições importantes na compreensão dela. A opção por utilizar-se de pensadores vindos de escolas francesas e inglesas, majoritariamente, se dá por considerar que dentro da vastidão desse tema, seria uma negação do próprio aspecto polissêmico e plural dele optar por uma visão única, estatizada e privativa de uma escola de pensamento. Expandir e relacionar esses conceitos permite-nos compreender as facetas de um fenômeno com melhores possibilidades de superar o campo já aberto. Consideramos que essas perspectivas teóricas diferentes são muito mais complementares do que excludentes.

A adolescência pode ser vista como um tempo de transformações, de mudanças, que, efetuadas a partir da puberdade, repercutem tanto do ponto de vista psíquico, corporal, social e relacional (Juca & Vorcaro, 2019). Destaca-se que dentro das possibilidades relacionais, aquilo que funcionava para a criança carece, no momento de passagem pela adolescência, de novos arranjos, novas posições

subjetivas. O encontro com o mundo adulto com um corpo agora potente sugere e requisita diversas posturas e demandas, solicitando do adolescente novas respostas diante do Outro.

Essas profundas transformações das relações sociais, uma vez que os arranjos vividos na família e fora dela carecem de novas configurações, também repercutem no íntimo do sujeito adolescente: requerem, diante de tantas mudanças, um rearranjo identitário (Resende, 2008). Isso significa que o lugar imaginário em que este sujeito se reconhecia foi abalado pelas demandas a ele endereçadas, o que implica encontrar novas formas de ancoragem social. Desse momento de rearranjo na relação com o outro pode surgir um risco de perda de si, ou um temor de não 'sustentar-se' enquanto unidade narcísica.

Um importante ponto a ser considerado a respeito da adolescência, uma vez que promove tão profundas alterações tanto no corpo, como no psiquismo e nas relações é uma certa instabilidade entre o sujeito e a representação que este tem de si, tanto do ponto de vista psíquico quanto corporal. A velocidade de transformações no corpo e na mente propicia o aparecimento de sensações de estranhamento, tanto com o mundo ao redor, pela perda de referenciais e pontos de ancoragens já conhecidos, quanto do mundo interno, por não compreender as sensações que o invadem de dentro para fora, tomam o rosto, no caso do rubor, que se manifesta enquanto atitudes quase autônomas do corpo, e que confrontam o adolescente com aquilo que foi com aquilo que agora é.

Apoiamo-nos na teorização efetuada por Freud (1916) no Estranho, para tecer considerações a respeito do terror sentido por determinados sujeitos, ante ao arrombamento pubertário (Marty, 2006) e suas consequências. Freud discute que o

estranhamento acaba por revelar sensações terríficas que atormentam, pelo retorno de elementos recalçados, que neste caso podem ser fantasias. Falar sobre o texto do Estranho e do retorno do recalçado se faz necessário pelo elemento comum com a literatura fantástica, que é a hesitação. A sensação de desvelamento de algo que deveria ficar em oculto é relatada nas falas dos adolescentes e a hesitação ante aos impasses introduz a dimensão da angústia.

Dessa forma concordamos com Marty (2012), para quem a adolescência caracteriza-se como um período de vulnerabilidade narcísica em que há, da parte do sujeito, temores sobre a própria continuidade da existência enquanto sujeito. Urribarri (2002), considera a ação da adolescência como um desvelamento de um percurso realizado pelo sujeito; nisso se incluem tanto os aspectos positivos quanto das próprias fragilidades do processo de estruturação, bem como da estrutura. A adolescência funciona como “reveladora das vicissitudes precoces, tanto das aquisições como de seus déficits” (p.217). Urribarri ressalta que ela põe em relevo aspectos sólidos, bem como os falidos e deficitários do processo de estruturação psíquica.

Jeammet (2005) ressalta que pelas mudanças ocorridas nas relações, bem como do sujeito com seu próprio corpo e das novas potencialidades deste, a adolescência põe em relevo os pares "dependência/autonomia e narcisismo/relação objetal". Como resultado, ele observa a fragilização do mundo psíquico interno do adolescente. A adolescência, sendo período de reformulação entre o mundo interno e externo, implica, assim, em um processo de subjetivação e diferenciação eu/outro.

Autores clássicos ressaltaram a dimensão do trabalho de luto exigido na adolescência: ela é o momento de elaboração do luto pela perda do corpo infantil, da

identidade até então 'assegurada' e pelos pais da infância (Aberastury e Knobel, 1981). Consideramos importante ressaltar que, apesar dos avanços realizados na compreensão da adolescência, a dimensão de elaboração psíquica permanece como um aspecto atual no trabalho clínico, principalmente em nosso momento histórico em que, pela falta de rituais ou marcas temporais claras de um fim de adolescência, esta tem sido alargada de forma tardia.

Jeammet (2005) elabora uma compreensão da adolescência destacando o sentimento de continuidade e segurança internas que ele chamará de bases narcísicas. Este conceito, influenciado pela teoria winnicotiana, tem como pressuposto a interação entre a criança e os objetos, bem como as respostas emitidas por esses objetos para o bebê. Assim, a constituição psíquica passa a ser compreendida dentro de um espectro relacional. Conseqüentemente, a adolescência seria reconhecida por um momento de individuação-separação. O processo de subjetivação/constituição é, portanto, um momento de diferenciação do sujeito e no reconhecimento das relações que ele estabelece com os objetos internos.

Apesar das inúmeras diferenças epistemológicas entre aqueles que trabalham com as relações de objeto, conceito cunhado nas décadas de 1940-1950, e outras escolas psicanalíticas, há a compreensão do aspecto relacional presente na adolescência. Vale a pena citar alguns, como Rassial e Françoise Dolto com suas respectivas contribuições: Rassial (1999) afirma que a adolescência é um momento-chave que "possuindo sua própria lógica nos processos de identificação" coloca o desafio diante do clínico na retomada de antigas questões sob outro ponto de partida. Ele concorda com a posição de Françoise Dolto (1990), para quem esse é um momento de recapitulação (pg.12-13).

Rassial (1999) retoma o conceito de adolescência caracterizando-o como “momento em que, sob o olhar do outro, o sujeito vai ter que se reapropriar de uma imagem do corpo transformada; ao preço, eventualmente, de um novo sintoma” (pg. 17) e continua dizendo que neste período opera-se um “deslocamento do campo pulsional” (pg.21). Em razão desse deslocamento pulsional, com todos os seus desdobramentos, este momento de vida se dá como expressão de conflitos internos, onde pulsões e defesas, investimentos narcísicos e objetais, se defrontam. Há, portanto, um risco de ruptura pelo ataque que realiza sobre o narcisismo do sujeito (Marty& Cardoso, 2008).

De outra perspectiva, Jeammet (2005), falando a respeito das implicações psicopatológicas da adolescência, discute a proeminência dos mecanismos de defesa que visam “compensar o fracasso parcial do mundo interno e da realização alucinatória do desejo e, então, conseguir contrainvestir a destrutividade interna” (pg.17). Em sua investigação, discorre que no trabalho associativo os processos de deslocamento de representações tornam possível o trabalho de perlaboração. Isso é de grande valia para entender a adolescência, quando consideramos que neste trabalho falaremos, mais à frente, a respeito dos deslocamentos e projeções que são efetuados com o uso de personagens nas narrativas criadas.

Por hora, faremos uma breve exposição de alguns eixos importantes a serem considerados no trabalho com a adolescência, por se constituírem tanto mensagens cifradas, quanto apelo ao outro. Pretendemos desenvolver como hipótese que esses aspectos abordados se relacionam com a temática das narrativas; trataremos especificamente das narrativas virtuais publicadas em plataformas digitais e que são conhecidas como *fanfics*. A questão que nos move neste escrito é compreender que

relações há entre escrita e trabalho psíquico, e se as *fanfics* podem ser uma forma de trabalho psíquico em que os sujeitos conseguem inscrever sobre seus personagens eventos que poderiam, de outra forma, terem outras saídas sintomáticas, como o direcionamento da destruição sobre si e sobre o outro.

Tendo abordado alguns aspectos a respeito do conceito da adolescência e sua metapsicologia, é também necessário discorrer a respeito dos aspectos de uma psicopatologia da adolescência, tanto de seus aspectos de bom desenrolar, quanto de seus fracassos, uma vez que são sintomatologias comuns na atualidade. Segundo Castiel et al (2018), André Green contribui com um novo modelo clínico, baseado no ato, apresentando uma outra possibilidade de compreensão para além do modelo dos sonhos. Utilizaremos as contribuições de autores que trabalharão o agir por sua incidência na clínica contemporânea bem como pela importância que as teorizações emanadas desse modelo oportunizam para se discutir aspectos como representação, simbolização, sublimação e suas relações com a arte. Isso será de grande valia para analisar as *fanfics* como possibilidades de representação e, eventualmente, simbolização de conteúdos inconscientes que de outra forma poderia ser descarregado pela via do ato, de maneira destrutiva. Posteriormente, destacaremos os conceitos de passagem ao ato e *acting out* por serem relevantes na compreensão dos caminhos da representação, dos seus percalços e de uma teoria da simbolização, que será ainda abordada neste trabalho.

1.2 A adolescência e a clínica do ato/agir

A adolescência é um período muito específico da vida de um sujeito por colocar em questão a relação entre o narcisismo e relação objetal, bem como entre a dependência e a autonomia em que há uma demanda de novos pontos de ancoragem e equilíbrio tanto entre interior e exterior, quanto a relação com os pais e com o próprio corpo (Jeammet, 2005). Não sendo estáticas as conformações internas e externas do sujeito, mas passíveis de interferências do meio, há, para alguns, uma fragilização das bases narcísicas, que alteram de forma significativa o funcionamento do adolescente. A estruturação do sujeito depende dos movimentos de resposta ao ambiente de forma que, quando não suficientes, fomentam saídas sintomáticas, recaindo, como já enunciadas, sobre o próprio corpo do sujeito. Há, portanto, uma espécie de fracasso no processo de representação/simbolização.

Para Jeammet, uma característica do período da adolescência é a fragilidade narcísica, como resultado do teste das bases narcísicas que é atravessada por esse momento da adolescência (Jeammet, 2005). A adolescência, enquanto passagem (Rassial, 1999; Jeammet, 2005) refere-se a um aglomerado de exigências de trabalho psíquico para remanejamentos, simbolizações, elaborações e lutos, tanto ligadas às transformações do corpo pela puberdade e da possibilidade de reproduzir-se, quanto no que diz respeito a mudança deste sujeito no próprio meio cultural, por meio da exigência de escolhas profissionais, amorosas, de vida e da própria concepção de identidade (Eu sou...).

Como ressalta Rassial (1999), há mudança no corpo enquanto unidade concreta, bem como de seu estatuto e valor. A hipótese deste autor é de que haja mais do que um ajuste com relação ao corpo, mas uma mudança do estatuto deste

por meio das diversas castrações no nível simbólico, e também pela forma como antes este corpo funcionava e do acesso com que ele agora permite ao adolescente.

Diante destas angústias não nomeadas, não elaboradas, o agir parece ser uma ferramenta que faz com que estes adolescentes ajam em oposição a serem agidos, conforme Marty (2008). Neste ponto, a violência funcionaria como um organizador para o indivíduo, conferindo-lhe, inclusive uma identidade, um lugar (Guirado, 2006). Entendemos com Marty (2008) que as possibilidades de canalização da violência por parte dos adolescentes, requerem o encontro com um outro que seja capaz de suportar tal destrutividade, que não fraqueje. O ato de constitui-se, então, torna uma tentativa de luta contra o desamparo e a busca por manter uma integridade psíquica do sujeito diante da angústia e da precariedade de elaboração dos conflitos surgidos nesse ciclo de vida.

As condutas de autoagressão (como as escarificações), por exemplo, são frequentes na clínica com o adolescente. Marty (2012) propõe o entendimento do recurso à passagem ao ato como substituição do trabalho psíquico de mediação simbólica em que se busca uma tentativa de solução e apaziguamento frente à angústia. Neste sentido, a passagem ao ato na adolescência dirigindo a violência ao próprio corpo se situa no âmbito das problemáticas contemporâneas e se trata de um fenômeno social bastante complexo.

Marty (2008) situa a passagem ao ato como uma modalidade de defesa fundada no recurso ao agir, portanto, um modo de defesa contra a angústia. Na adolescência há uma revivescência dos conflitos edípicos, o que pode ser fonte de grande angústia para alguns sujeitos. Estes podem, por questões ligadas à maturação do ponto de vista psíquico, como os mecanismos de elaboração/sublimação, ainda

não dispor de capacidade de transformação dos conflitos e outros aspectos da vida psíquica por outras vias que não a da passagem ao ato.

Este conceito de passagem ao ato por vezes é confundido com o de *acting out*. Uma importante distinção a fazer permite que ambos não sejam tomados com o mesmo sentido. Constituem-se construtos diferentes e por isso, implicam em saídas diferenciadas quanto à condução do tratamento/direção da cura, e na compreensão psicodinâmica dos casos. No entanto, estes dois conceitos, mantêm estreita relação com a clínica do agir, por vezes citada neste trabalho como ‘o agir adolescente’.

Freud (1905) utilizava o termo “*Agieren*”, fazendo referência a uma lista de atos empreendidos pelo sujeito e com funções diversas na economia psíquica. Para Freud, onde o paciente não podia rememorar, ele atuava uma vivência. Desta forma, esses atos ou atuações eram formas de pôr em movimento afetos e representações que não encontraram a via da fala e da simbolização.

Dentre os autores que fizeram importantes contribuições para a teorização do *acting out* podemos citar três: Etchegoyen, Laplanche e Pontalis. Seus trabalhos possibilitaram uma posterior distinção de outro conceito, que é o de passagem ao ato. O primeiro entendia que a “atuação era um movimento de expulsão e alívio de tensões internas”, como uma forma de descarga (Etchegoyen, 2018, p.723) enquanto os outros autores destacaram o caráter impulsivo do ato, inclusive podendo ser hetero e autoagressivos.

Lacan (2005) fez importante avanço na distinção da terminologia na teoria psicanalítica entre os conceitos de passagem ao ato e *acting out*. Sem pretender fazer um exame exaustivo da teorização deste autor, destaca-se que o *acting out* mantém

relações com a transferência, e, portanto, um endereçamento da demanda ao lugar do Outro. Segundo Ruthes e Lustoza (2018), o crucial do *acting out* é situá-lo como apelo a um Outro que estabelece importante papel transferencial com o sujeito. Já a passagem ao ato se dá na identificação do sujeito com o Objeto 'a', sendo o suicídio o modelo para desfazer-se desta identificação. Em Lacan (2005), na busca de livrar-se da identificação ao objeto 'a', da angústia incontrolável da qual não é possível simbolização, o sujeito tenta evadir-se de si. O sujeito busca agir para escapar da angústia.

Diante destas angústias não nomeadas, não elaboradas, o agir parece ser uma ferramenta que faz com que estes adolescentes ajam em oposição a serem agidos, conforme Marty (2008). Neste ponto, a violência funcionaria como um organizador para o indivíduo, conferindo-lhe, inclusive uma identidade, um lugar (Guirado, 2006). Entendemos com Marty (2008) que as possibilidades de canalização da violência por parte dos adolescentes, requerem o encontro com um outro que seja capaz de suportar tal destrutividade, que não fraqueje. O ato constitui-se, então, uma tentativa de luta contra o desamparo e a busca por manter uma integridade psíquica do sujeito diante da angústia e da precariedade de elaboração dos conflitos surgidos nesse ciclo de vida.

Neste ponto importa-nos levantar a hipótese de ser a escrita das *fanfics*, conforme fala de alguns escritores, um importante recurso de canalização da agressividade para a construção de um objeto a ser partilhado. A escrita funcionaria como uma tela que permite o afastamento de situações angustiantes e possibilita um alívio de tensões internas. Isso os que permite encontrar resolução para o problema em questão.

As condutas de autoagressão, como as escarificações, são frequentes na clínica com o adolescente e por isso a tomaremos como modelo de agir, a fim de proporcionar uma incursão na teoria. A escolha por este fenômeno se dá pela ocorrência numerosa de casos na atualidade. Marty (2012) propõe o entendimento do recurso ao ato como substituição do trabalho psíquico de mediação simbólica em que se busca uma tentativa de solução e apaziguamento frente à angústia e compreende que os agires estão no polo mais distante da simbolização enquanto possibilidade de representação de estados afetivos intensos.

A escarificação, ou as condutas autolesivas e automutiladoras, podem ser pensadas a partir de dois eixos já levantados anteriormente que são o da passagem ao ato e o da atuação. Compreende-se que haja, na atuação (ou *acting out*) um endereçamento da demanda ao lugar transferencial, como um apelo por interpretação. Na passagem ao ato destaca-se que não há uma demanda por simbolização. Neste caso o sujeito visa somente separar-se do outro, havendo rompimento (Ruthes & Lustoza, 2018).

Etchegoyen (2018), compreende que há na atuação o alívio ou descarga de excitações internas. A representação e, eventualmente a simbolização, permite que essas excitações, muitas vezes sobre a forma de afetos em estado puro, possam receber a mediação da linguagem e serem descarregadas sem prejuízos ao corpo. A escrita, como forma de expressividade, opera podendo receber a descarga de maneira a afastar os estados internos intensos para alguns sujeitos. Assim, faz-se necessário uma breve exposição sobre como a psicanálise compreende os termos representação, simbolização e elaboração. Não cumpre a este escrito apresentar todo

o desenvolvimento do tema, mas apresentar algo mínimo que possa auxiliar na compreensão da escrita, da fala e das fanfics como via de acesso ao inconsciente.

Freud (1891) apresenta em sua Contribuição para as concepções das Afasias sua definição de coisas, representações e ideias e que posteriormente, em 1915 será concebido como 'representação de coisa' e 'representação de palavra'. Os impulsos (pulsão) não podem ser conhecidos em si, sendo deduzidas a partir de seus representantes psíquicos, as representações. Ele as divide, conforme exposto, e nos informa que as representações só adquirem sentido nas conexões que realizam, e no que exprimem. Assim, Hans (1996) define que as representações são como uma malha de imagens e ideias, interconectadas, e que nada tem de estáticas.

Dois distinções realizadas por Freud nos interessam por abordar o circuito entre o impulso, a pulsão, e a sua descarga: a representação de palavra, em que se incluem elementos visuais, acústicos e cinestésicos, e a representação de objeto, em que para-além dos elementos da representação de palavra, incluir-se-iam as táteis, olfativas, e só operam em redes associativas. Freud (1915, p. 206) afirma que

A representação consciente abrange a representação da coisa, mais a representação da palavra que pertence a ela, ao passo que a representação inconsciente, é a representação da coisa apenas. O sistema inconsciente contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais.

Uma vez que falamos de aparelho de linguagem, compreender o que se exprime na palavra e das relações com as redes associativas se faz relevante por fornecer pistas a respeito do que é estabelecido na simbolização, que é o próprio trabalho de representação. Em Freud são referenciadas diversas formas de

representação, sendo apresentadas estas somente para facilitar a compreensão das distinções efetuadas entre algo mais campo sensorial, no caso da representação, e a simbolização como algo mais simbólico, sendo produto de um trabalho, de uma 'mediação reflexiva entre o sujeito e o objeto, entre a realidade psíquica e a realidade exterior, entre o passado e o presente"(Gibeault, 2005 p.1736).

Para Roussillon (2015), um importante autor que dá sustentação a compreensão dos estados limites, é necessário se distinguir representação de representação simbólica. Para ele é impossível não representar, ou seja, a representação ocorre mesmo sem saber o que se está representado. No caso da apresentação simbólica, há um trabalho de representação que sabe que é apresentação e por isso pode ser apropriada pelo sujeito, sendo colocada à serviço do próprio sujeito. Neste sentido as *fanfics* podem conter importantes traços tanto de representações que o autor nem mesmo sabe o que está representando, como no caso de autores que escrevem situações que estão vivendo. Ademais, a escrita da *fanfic* pode ser um rico recurso de simbolização mesmo que o escritor não saiba o que está sendo representado. Aqui talvez cheguemos à possibilidade de integrar novas fontes de acesso ao inconsciente, alargando a própria técnica psicanalítica.

Para Roussillon (2015), há pacientes que não conseguem ser beneficiados pela técnica clássica da psicanálise, fundada no modelo do recalçamento. Ele defende que nos quadros conhecidos como narcísicos-identitários estes se fundam na clivagem, e que por isso faz-se necessário a adaptação do método e do próprio objetivo da psicanálise. Exemplifica que, enquanto na clínica com neuróticos aponta-se o que o paciente não sente, não vê, e não diz dele mesmo, na clínica com quadros narcísicos há de se aproveitar aquilo que o sujeito pode mostrar, aquilo que ele nos

faz ouvir. Este é o conceito de reflexividade que será trabalhado devidamente mais adiante.

A clínica psicanalítica é fundada sobre a fala, a atividade oral de linguagem. Entretanto, no trabalho com crianças, por exemplo, integra-se outras formas de comunicação, sem, contudo, deixar de ser psicanalítica. Isso porque no brincar e nas atividades realizadas pela criança há atividades de representação e esta pode vir a ser simbolização. Isso nos é importante porque nossa hipótese é de que há possibilidade de simbolização de conflitos inconscientes por meio das fanfics, podendo ser um recurso utilizado como objeto cultural ou mesmo de acesso ao analista, em casos de tratamentos de adolescentes.

A compreensão do *Agieren* freudiano indica “a existência de algo que se furta à cadeia associativa para deixar-se mostrar em um fazer, um agir” (Calazans e Bastos, 2010, p. 4). Freud diz que “A própria representação de objeto, por sua vez, é um complexo associativo composto pelas mais variadas representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e por diversas outras representações ainda” (Freud, 1905, p. 243). Podemos concluir que Freud pensava a representação não somente dentro da linguagem oral, e que o recurso virtual, os jogos, e as fics tem a possibilidade de serem ferramentas úteis no trabalho com adolescentes. A compreensão da expansão da linguagem para além do registro oral permite que acessemos adolescentes resistentes ao trabalho analítico e ainda aqueles que não possuem condições de sustentar uma oralidade, além dos quadros narcísicos-identitários, conforme já mencionado.

A fim de pensar como a linguagem é utilizada para compreensão dos diversos aspectos da vida mental, é preciso circunscrever alguns conceitos importantes e

caros à teoria psicanalítica. Não se pretende, de nenhuma forma, fazer uma longa exposição de conceitos. Eles serão apresentados na medida em que puderem nos permitir a compreensão dos fenômenos psíquicos envolvidos na tecitura da escrita das fanfics. Penso que uma forma um tanto mais lógico seja abarcar os conceitos de simbolização, já que Roussillon (2019) nos apresentou a representação e a representação simbólica, bem como a identificação.

A simbolização é um processo bastante importante dentro da teoria e clínica psicanalítica por estar ligada à vida psíquica em todas suas manifestações, como na fantasia, no sonho e nos sintomas. Pode-se definir, segundo Gibeault (2002), como uma operação em que “qualquer coisa vai representar outra coisa para alguém [...] ela é, primeiro de tudo tanto a capacidade de representar um objeto ausente quanto um sujeito capaz de saber que o símbolo não é o objeto simbolizado [...] ela é a mediação reflexiva entre o sujeito e o objeto, entre a realidade psíquica e a realidade exterior.”

1.3 O dispositivo analítico em expansão: o lugar da narratividade

É importante frisar que o dispositivo criado por Freud possibilita a emergência do inconsciente através da associação livre, ou seja, da fala, uma produção discursiva livre, que por sua vez, só é possível graças à transferência – ao movimento transferencial de ideias, afetos, representações, desejos para a figura do analista. Avançando mais esse conceito, Quinet (1993/1998) pondera que, para que essa fala se torne operativa, é necessário que ela se torne uma questão, e não resposta. É sob

o estatuto de uma investigação que a queixa do adolescente pode transcender à uma questão que mova a análise.

Além do dispositivo clássico freudiano, aqueles que se dedicaram a psicanálise pesquisaram e implementaram mudanças significativas sobre o dispositivo analítico. Um dos primeiros a propor mudanças sobre o dispositivo clássico foi Ferenczi (1928); ele propôs a elasticidade da técnica (e o dispositivo está formulado para fomentar a execução desta) que deveria se ajustar aqueles para quem o dispositivo originalmente pensado (ainda dentro de um registro neurótico) não beneficiava. Surgem, a partir de então, pesquisas sobre o enquadre e o dispositivo. Para atermos aos objetivos deste trabalho, vamos trabalhar sobre as contribuições de Roussillon, importante clínico que tem em suas raízes a influência da teoria winnicotiana, bem como dos trabalhos de André Green.

Depreende-se das contribuições de Roussillon (2012) que o dispositivo fará referência ao campo, incluindo os aspectos físicos/concretos, e principalmente os ditos e não ditos, ou seja, aquilo que emerge enquanto fenômeno que muitas vezes não consegue ser expresso em palavras. Entende-se que este dispositivo é um campo artificial criado de maneira a fomentar a emergência do 'inconsciente'. Dele fazem parte os acordos de horário, frequência, faltas, método de trabalho, etc. Eles facilitam a emergência de conteúdos e é, em si, um campo de construção com o adolescente.

De acordo com Roussillon (2012), analisar é decompor em suas partes mais essenciais, seguindo-se um trabalho de reconstrução desse discurso. O analisando, ao comunicar tudo que lhe ocorre, faz várias associações, e cabe ao analista, por

meio da atenção flutuante, quando da interpretação, 'ordenar' estas associações em cadeias associativas 'com sentido'.

O analista é quem facilitará que o analisando escute a própria fala. Ele trabalha observando suas incoerências, seus caminhos, movimentos e aquilo que lhe escapa ao entendimento. Considerar um dispositivo de atenção psicanalítico, corroborando com Roussillon, requer ao clínico atentar-se para o nível de simbolização e estrutura do sujeito em análise, os recursos próprios da idade, fazendo-se articulação com a elasticidade da técnica (Ferenczi, 1928), uma vez que uma análise ou psicoterapia com adolescente possui especificidades diferentes da análise de adultos e de crianças.

Desde os primórdios da psicanálise a fala ocupa lugar central na forma de trabalho do analista. É por meio desta que se pode ter acesso ao mundo interno do paciente. O processo narrativo é a forma pela qual o paciente vai comunicando ao analista 'sua verdade'. Assim, faz-se necessário pensar na narratividade como um dispositivo a ser utilizado e levantarmos questões que articulem a especificidade do atendimento de adolescentes, em especial para aqueles em que o corpo tomou estatuto de lugar de escrita.

A narração enquanto processo que pode ser oral quanto escrito é um processo inerente a experiência humana e se dá pela transcrição, via linguagem, de um mundo interno que é permeado pela fantasia. Isso significa dizer que toda fala e toda escrita parte da linguagem para expressar processos de pensamentos que são forjados por intermédio da operação da fantasia. A escrita, nesse contexto, é um mediador simbólico que possibilita a simbolização de processos mentais, incluindo os conflitos.

Para Lemos (2021), a capacidade narrativa está na base do próprio processo de intersubjetividade. Esta se dá pela possibilidade do sujeito formular uma continência para a própria existência. A narrativa institui uma continuidade do conceito de ser expresso nas modalidades da língua (Eu sou, eu era, eu fui, eu serei) funcionando como fio condutor da continuidade da imagem de si. A narração proporciona a continuidade da existência por conectar o tempo da experiência, garantindo ao self uma unidade ao longo do tempo, tendo efeito estabilizador.

A narrativa parece funcionar como ferramenta possível no que se refere à possibilidade de inscrever o sujeito na cultura, por meio do uso de objetos culturais, bem como no de dispositivo de simbolização, além de proporcionar efeitos terapêuticos por tratar de questões conflituais. Freud (2015) em *O poeta e o fantasiar* relata que a experiência do poeta coloca em jogo os conflitos e serve como ferramenta de escoamento das tensões pulsionais. A escrita funcionaria como meio para descarga, meio este que se utiliza da cultura.

O ato de narrar, seja em análise ou fora dela, parece obturar as lacunas de memória do sujeito. Em consonância com isso, Lemos (2021) vai referir-se à capacidade reparadora da narratividade, sendo esta uma construção. Winnicott (1971) refere-se à capacidade do brincar equiparando-a ao pensamento do adulto. As histórias dariam uma certa contingência e sentido de existência ao sujeito, por meio da continuidade. É impossível, pautados em Freud e Winnicott, não pensarmos na capacidade narrativa como descolada da possibilidade de simbolização. Segundo Villela e Sousa (2015), as palavras e histórias constituem-se como áreas intermediárias, muito próximo do conceito winnicottiano de transicionalidade. Este fenômeno é destacado no trabalho das autoras como tendo importante papel na

construção do simbólico. Esse fenômeno capacita a criança a simbolizar (Villega & Souza,2015).

Considerando que a narratividade é uma atividade inerente ao ser humano, produtor de arte, um importante recurso tem sido utilizado por adolescentes no âmbito do lazer, aproximando fãs de seus artistas. As fanfics tomaram o espaço entre os adolescentes como uma modalidade de atividade que possibilita a um anônimo tornar-se escritor, criador de uma história, e ter como público pessoas também anônimas se dedicam a acompanhar as produções em plataformas digitais. Veremos agora o que são e quais relações são possíveis entre adolescência, narratividade e a virtualidade.

1.4 O recurso virtual como forma de narrativa na adolescência

Pierre Lévy (1996) inicia sua obra apontando que o virtual é “um modo fecundo e poderoso que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata. É, portanto, um mundo de significações; a linguagem é um claro exemplo de virtualidade, sendo pura potência. Para ele o virtual é muito anterior a criação de computadores, sendo muito mais uma tendência ou modo de ser do que necessariamente vinculado a uma função, como no caso dos computadores. Os conceitos, por exemplo, estão inscritos na virtualidade, uma vez que o virtual é teorizado por ele como potência. Ele prossegue conceituando que “o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que

acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de solução.” (pg.5)

Para Di Sordi (2014), a virtualidade é caracterizada não por uma marca na irrealidade, mas por uma temporalidade sem espaço. Assim, o virtual é real, não uma mentira, comporta em si uma potência, e não ação. De igual forma, Lévy (1996) aponta que o virtual só tem uma pequena afinidade com o falso, o ilusório e o imaginário, na medida em que o virtual não necessariamente precisa ter uma concretude formal. Isso nos importa por nos permitir pensar na materialidade das construções das narrativas e o lugar que elas ocupam, tanto do ponto de vista social, coletivo, como do individual e interpessoal.

Houve, mas já se encontra superado, a antagonização entre o real e o virtual, apontando que o virtual estava no campo do falso e imaginário. Lévy (1996) afirma que o virtual se opõe ao atual, não ao real. O atual é a instancia estável, consolidada, enquanto o virtual

fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante. Mas ela implica a mesma quantidade de irreversibilidade em seus efeitos, de indeterminação em seu processo e de invenção em seu esforço quanto a atualização. a virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade. Assim, ele defende que “a virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar”(pg.7).

Di Sordi (2014) defende que nos personagens criados virtualmente, uma projeção da subjetividade do criador sobre o objeto criado. Assim, o personagem

conteria a imagem projetada de quem o controla, sendo, portanto, uma extensão do sujeito que o forja. Desta maneira o “foco, então, não reside nas funcionalidades do avatar, mas sim, no sentido do que se projeta da subjetividade que se empresta a ele.

Um importante constructo psicanalítico que pode nos auxiliar na compreensão da construção do personagem, neste trabalho sempre intitulado avatar, é o conceito de identificação projetiva, cunhado por M. Klein (1946) em *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*. Ela compreende a identificação projetiva como um mecanismo de defesa contra a angústia; por meio desse mecanismo o self expulsaria de maneira mais violenta para fora de si partes insuportáveis para dentro do objeto. Interessante notar que há uma dupla vertente na identificação projetiva: como a identificação faz referência a uma forma primitiva de relação, e como a projeção mostra a vinculação com um mecanismo defensivo. Ou seja, é ao mesmo tempo modo de relação e defesa, fato este que permitirá ao clínico compreendê-la como forma de comunicação (Klein, 1946).

Por meio da Identificação projetiva o escritor pode ejetar de si partes indesejáveis e ao mesmo tempo “se ver” no personagem criado. De igual forma o leitor precisará da identificação para ver-se no personagem. Ribeiro (2018) afirma que a evocação das sensações assume formas imagéticas. Esta evocação seria veículo da identificação projetiva e que está associada à criatividade e ao processo criativo. Há, portanto, uma vinculação essencial entre o que a obra de um artista e o processo de criação provoca sobre o psiquismo e a identificação projetiva. Nesta forma de expressão podemos pensar que os personagens criados numa fanfic carregam partes boas e más de seus criadores, e se mantem vinculados a eles através do processo criativo.

A virtualidade impõe reflexões a respeito das relações entre o real, o fantástico, a fantasia e o irreal por serem categorias contidas na virtualidade. Essas categorias se fazem importantes para a compreensão das conexões possíveis entre a literatura, como são as fanfics, e as categorias que usamos para organizar o mundo. Partindo da obra *Introdução à Literatura Fantástica*, proposta por Tzvetan Todorov, este autor ressalta o caráter relacional entre o fantástico, o real e o imaginário. Para ele “o fantástico se define com relação ao real e ao imaginário” (Todorov, 1975, p.15). Destaca que é tênue a linha que separa esta de outros tipos de literatura, como o é a literatura maravilhosa, por exemplo. Este estudo não propõe a descrição destas categorias.

Segundo Todorov (1975, pg. 15), “o fantástico ocupa o tempo da incerteza”. Assim ele conceitua o fantástico como produzindo uma incerteza da explicação lógica por trás do lido. Prossegue afirmando que o leitor tem que vacilar diante da possibilidade de explicar o que leu. Diante dele a questão será: é uma ilusão dos sentidos ou é uma realidade para qual as leis conhecidas não se aplicam? Precisa haver uma vacilação no sentido da interpretação do conto lido, entre o real e o ilusório. Entretanto, este gênero não faz uso de elementos como a poética nem a alegoria.

Sobre os efeitos da vacilação sobre o leitor, afirma:

a criação de uma impressão específica. (...) Por tal razão, devemos julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca. (...) Um conto é fantástico, simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas” (Todorov, 1975, p.17)

Assim, Todorov considera que o fantástico cria estados emocionais no leitor, sendo um gênero que está cheio da ambiguidade, da vacilação (hesitação) quanto ao aspecto concreto, mas que ao mesmo tempo mantém familiaridade com a realidade concreta. Por se tratar de um importante construto que nos permitirá apreender as relações entre a virtualização, processo que põe em expansão aspectos da vida de forma fluidificada, e o fantástico como gênero escolhido pelos adolescentes para produções artísticas. Interessante notar que poderia ser literatura maravilhosa ou de outro gênero, mas as fanfics são todas de um gênero que mantem contato com a realidade, ao mesmo tempo em que imprime sobre a história partes deformadas que proporcionam estranhamento e suscita incertezas, despertando estados emocionais distintos.

o fantástico é um caso particular de “visão ambígua”. A segunda condição é mais complexa: por uma parte, relaciona-se com o aspecto sintático, na medida em que implica a existência de um tipo formal de unidades que se refere à apreciação dos personagens, relativa aos acontecimentos do conto; estas unidades poderiam receber o nome de “reações”, por oposição às “ações” que formam habitualmente a trama da história. Por outra parte, refere-se também ao aspecto semântico, posto que se trata de um tema representado: o da percepção e sua notação. Por fim, a terceira condição tem um caráter mais geral e transcende a divisão em aspectos: trata-se de uma eleição entre vários modos (e níveis) de leitura.(Todorov, 1975 , p.20).

O autor ressalta como característica do fantástico a identificação do leitor com algum personagem em particular (e aqui começa nosso caminho psicanalítico). Ainda ressalta que ela não é uma condição obrigatória do fantástico; ele existe sem ela, apesar da maioria das obras fantásticas se submeterem a essa regra (Todorov, 1975).

As *fanfics* não se inscrevem como literatura autobiográficas, nem maravilhosas, nem de terror; quanto ao gênero elas são classificadas como obra fantástica. Fazer essa distinção auxilia inclusive pensar a especificidade do que é produzido, já que guarda relações com a realidade e, portanto, podem ser utilizadas, conforme a própria fala dos escritores, como meio de afastamento de situações que são angustiantes (um distanciamento de partes da realidade) enquanto outra parte é modificada, corroborando com o celebre texto freudiano em que o autor pondera sobre a função da escrita enquanto modificadora de situações da realidade. Passemos, então, de pensarmos as fanfics como mantendo uma fronteira com a realidade ao status da fala em psicanálise.

Um desafio pertinente encontrado no trabalho analítico com adolescentes seu engajamento através da fala e a compreensão do lugar da palavra no tratamento de base analítica. O uso de recursos como computadores, jogos e atividades lúdicas têm seu lugar, inclusive porque os adolescentes levam materiais concretos – instrumentos musicais, cartas, artigos de jornal, músicas etc. – para a sessão.

Para Ayub e Macedo (2011), o psicanalista tem como desafio resgatar o lugar da palavra no processo de análise. Segundo as autoras há um risco em se perder de vista o potencial da palavra como ponto central de uma análise. Ainda que o adolescente fale pouco, o trabalho deve ser constituído a partir de sua pouca fala, e não na substituição desta por outro recurso. Apontam, ainda, que os recursos como jogos e o computador são meios para a palavra, e não um fim em si mesmo. Em consonância com isso, Cardoso (2022) defende que cumpre ao analista ser o guardião do *setting* analítico, e este inclui o lugar privilegiado da palavra.

Vorcaro (2019), falando a respeito do tratamento com adolescentes, indica que o clínico tem a função de auxiliar o adolescente no trabalho de representação. Extrapolando para além da clínica, o trabalho de representação também pode ser pensado a partir de outras formas de expressividade, sem, contudo, prescindir da palavra, pela via de uma atividade reflexiva. Assim ela aponta que ao clínico é colocado “de antemão um desafio técnico: fazer os adolescentes iniciarem um árduo trabalho de pôr em palavras o que até então se revelou em atos.” (Vorcaro, 2012, p. 22). Apesar das diferenças epistemológicas entre os autores, consideramos que o trabalho de Roussillon (2019) aponta para possibilidades de uso de outras formas de comunicação, uma vez que levam em consideração inclusive a capacidade de simbolização do sujeito.

1.5 O adolescente e a narrativa virtual em aplicativos

Segundo levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas e divulgada em 2022, a quantidade de smartphones chegou à marca de 447 milhões de dispositivos eletrônicos, o que significa uma média de dois aparelhos por cada habitante do Brasil. (CNN, 2022). Com o advento da internet vimos nascer uma infinidade de possibilidades no que diz respeito ao uso da tecnologia. Ela tem encurtado distâncias, servido como forma de lazer e trabalho, além de facilitar a vida dos sujeitos nas mais diversas tarefas do dia-a-dia. Ainda na década de 60, com a expansão da tecnologia em telecomunicações, fora cunhado o termo Aldeia Global pelo filósofo McLuhan (Trinta, 2003), onde este autor já vislumbrava o Globo como uma grande malha de comércio, informações e trocas culturais.

Com a popularização do uso de smartphones no Brasil, uma fatia considerável da população, sobretudo os mais jovens, tiveram à mão um aparelho com acesso à internet. Como resultado, uma enorme quantidade de aplicativos foi criada para fornecer ao usuário de um smartphone uma experiência rápida de acesso a diversas coisas, como poder pedir comida do conforto de casa. Assim, aplicativos como Wattpad, Nyah Fanfiction, Quotev e Spirit Fanfics, puderam ser acessados por inúmeras pessoas, bem como os leitores ao acesso às obras de pessoas não-famosas, ditas anônimas.

Em uma pesquisa preliminar, foram encontrados diversos aplicativos para celulares para publicação de textos de pessoas anônimas. Segundo o site Canal Tech (2021), página que reúne buscas sobre assuntos de tecnologia, “Essas plataformas apresentam ferramentas para criar e formatar textos, ler o que está em alta, buscar por inspirações e alcançar novas pessoas com as suas produções.”. Assim, nas plataformas de publicação pessoas de diversos estratos sociais podem criar e publicar textos com baixíssimo custo, fazendo com que produções próprias possam chegar a lugares inimagináveis, desde que os leitores possuam acesso à mesma plataforma.

É neste contexto de publicações de textos autorais que este trabalho se debruça a analisar de forma exploratória se as publicações se constituem como possibilidade de dispositivo de simbolização de conflitos na adolescência e como estas histórias podem ajudar o clínico na condução do tratamento de adolescentes que fazem uso destas plataformas digitais de publicação de fanfics. Considera-se, com Freud (1996), o papel da criação escrita como semelhante ao que a criança faz com o brinquedo e com os jogos.

Segundo Freud (1996), ao escrever, o escritor despende grande quantidade de emoção (os afetos), e mesmo fazendo esse investimento no objeto da escrita fantasística, ainda assim se mantém nítida a relação entre esta (a realidade da ficção, ficcional) e a realidade concreta. Ele destaca que mesmo coisas que na realidade concreta poderiam causar desconforto, na obra representada torna-se fonte de prazer. Em seu estudo sobre os Escritores Criativos, Freud (1996) pondera que, por meio da estética da obra apresentada, estes conseguem disfarçar a repulsa de cada sujeito. Por meio desse disfarce, há, no “prazer preliminar” uma liberação das tensões da mente. A fácil constatação disso são as produções, escritas ou televisionadas que, ao trazerem temáticas bastante incômodas, como a vingança, a violência e o conflito, são sentidas por muitos como algo que promove prazer ou que causa excitação.

Por fim, Freud (1996) faz uma importante constatação que pode nos auxiliar na compreensão do uso das narrativas na clínica da adolescência. Ele anuncia que:

Não devemos esquecer, entretanto, de examinar aquele outro gênero de obras imaginativas, que não são uma criação original do autor, mas uma reformulação de material preexistente e conhecido (ver em [1]). Mesmo nessas obras o escritor conserva uma certa independência que se manifesta na escolha do material e nas alterações do mesmo, às vezes muito amplas. Embora esse material não seja novo, procede do tesouro popular dos mitos, lendas e contos de fadas (Freud, 1996,141)

Aqui Freud claramente estende quase a mesma compreensão sobre as obras originais, afirmando que elas também seriam recobertas por materiais inconscientes, mantendo, inclusive, certa independência da obra original.

Neste ponto, devemos adentrar no que a cultura contemporânea nomeia como *fanfics*, muito utilizadas pelos adolescentes. As fics, como são chamadas, são histórias construídas por fãs que se baseiam em personagens de filmes ou mangás, livros, bandas, séries, histórias em quadrinhos ou celebridades/artistas. O nome é dado como abreviação de *fanfiction*, que em tradução literal é “ficção de fã”.

Assim, os fãs de determinada série, por exemplo, conseguem criar histórias a partir de determinado contexto, dando a eles novos enredos, conforme a imaginação. Podem, por exemplo, criar novas tramas, alterar parcerias amorosas, criar conflitos inexistentes, resolver pontos da história original que ficaram inacabados, destacar determinado personagem e dar finais diferentes da história original.

Essa possibilidade de criação sob um estímulo existente (mangá, HQ, série, personagens) permite a projeção de conteúdos inconscientes do autor sobre a nova história criada. Freud (1930), ao se referir às ilusões, argumenta que a obra de arte possibilita a satisfação, e portanto, o apaziguamento do sofrimento, pela via da fantasia. Esta serviria tanto ao criador quanto ao consumidor da obra de arte por meio do alheamento do sofrimento cotidiano. Assim, o leitor ao escolher um enredo que o representa, escolhe também uma resolução para o impasse que vivia com relação aquela história.

Nesse quesito, podemos ressaltar a escrita da *fanfic* como similar ao brincar infantil, ao qual Freud (1996) aludiu quando falou da escrita criativa. Desta forma o adolescente-escritor vai criando um mundo pela via da adaptação do mundo real (a história original) fazendo-a ao seu agrado. Freud salienta que ao cessar a brincadeira o sujeito inicia a atividade da fantasia como substituto. Isso ocorre pela não renúncia ao prazer, que é um imperativo da condição humana. A escrita, portanto, torna-se

sucedânea da brincadeira. Santos e Bernardo (2022) sustentam a hipótese de que a criação literária funciona como uma forma de deslocamento, pois busca a satisfação por meio da escrita ficcional, sendo, portanto, uma sublimação. Neste sentido, a escrita tem um potencial organizador, visto que o sofrimento é posto em uma direção construtiva, beneficiando o escritor por aliviar tensões internas, bem como por lançar mão de um mecanismo de defesa contra a angústia.

O adolescente, especificamente, experimenta intensos sentimentos e angústias da qual não consegue nomear, conforme já descrito por diversos autores (Cardoso, 2008; Marty, 2066; 2012; Levy, 2022, Roussillon, 2019). Essa não nomeação ocorre pela não integração e/ou apropriação subjetiva das experiências vividas. Roussillon (2019) considera que essa angústia advém das experiências não integradas. Morais et al. (2022) pensa a adolescência a partir da particularidade do que ela atualiza, e da possibilidade de representação por parte do aparelho psíquico. Para isso, apoia-se em Freud (1920) quando se refere às neuroses atuais como aquilo que não possui registro. Assim, ela explica que “aquilo que não encontra registro em nosso sistema de representações e, por esse motivo, o desorganiza (Weinmann, 2016, p.11). Isso é coerente com outros autores já citados neste trabalho que defendem o “rearranjo”, “reorganização”, “novas posições subjetivas”, e que todas essas palavras e expressões remetem a um período caótico pelo qual passa o sujeito adolescente.

Assim, em meio ao período da vida em que há uma intensa demanda de trabalho psíquico como a adolescência o é, o sujeito lança mão de diversas formas de defesa, entre elas a sublimação. É importante destacar que a escrita possibilita a criação de uma narrativa que represente algo do conflito interno do adolescente.

1.6 A fanfic e os processos de identificação

A adolescência é um trânsito complexo e exigente do sujeito da infância (Silva & Almeida, 2021) em que dele é requerido um remanejamento dos investimentos, antes autocentrados. Agora, voltados para o exterior, o uso de objetos da cultura se torna uma possibilidade no que diz respeito ao investimento de libido (pulsão) e possibilidade de representação desta. A respeito do uso de objetos da cultura, este estudo apoiar-se-á no que tece Birraux (2012) como considerações possíveis a esse respeito. Para esta autora, os objetos da cultura podem ser instrumentos de criação e canalização dessa força, justamente nesse período de reorganização e rearranjo de demandas internas, desejos, da vida pulsional e do que se espera desse sujeito no contexto social.

As *fanfics*, portanto, são caracterizadas nesse trabalho como um objeto da cultura por apresentarem, dentro do momento atual, um instrumento de lazer e criação para quem se interessa pela escrita. A escrita de *fanfics* é um fenômeno reconhecido pelos leitores como legítimo. Assim, ao contar uma história baseada em personagens, celebridades, histórias em quadrinho e outros, dando-lhes novos ares e incluindo novas tramas, os leitores tomam ciência de um processo de criação de algo inédito a partir de um estímulo já inserido no mundo. É importante salientar que, apesar de neste trabalho nos referirmos necessariamente à escrita de adolescentes, parte dos escritores de *fanfics* já são adultos. Isso significa que a escrita de histórias de ficção de fãs não é algo propriamente do universo adolescente, mas uma prática também adotada por eles como recurso cultural.

Birraux (2015) situa dois polos quanto aos objetos da cultura: um materno e outro paterno, sendo o primeiro ligado ao processo de criação, que pode ou não incluir a linguagem. No segundo, ela aponta como característica a função de inscrição na civilização, com recalque pulsional e a simbolização. Em suas palavras: “são instrumentos de simbolização e de acesso ao simbólico, que tecem um banho de civilização a partir de uma linguagem comum.” (Birraux, 2015, p.207). Para ela, eles são um instrumento de canalização da violência e que podem ser francos apelos à simbolização.

Silva e Almeida (2021) reconhecem que há intensa mobilização por trás das recriações. As autoras fazem um apanhado do que são os fãs, desde a etimologia, passando pela criação de agremiações como são os fã-clubes, até os atuais *fandoms*². Para elas o que faz distinção entre simples leitores e fãs é a intensa atividade em torno de uma obra, artista ou celebridade. Nesse contexto “a vigorosa admiração que os fãs desenvolvem em torno de um objeto artístico ou cultural é capaz de promover um aprofundamento e uma criticidade mais aguçada sobre estes.” (Silva & Almeida, 2021, p.140).

A criação de fã-clubes e *fandoms* é marcada por fenômenos como o da identificação, já estudados por Freud (1921) em seus trabalhos sobre grupo. A formação de um fã-clubes se realiza a partir de um interesse em comum. Derivando deste agrupamento e da organização dele, seguem no sentido de formarem

² São grupos de fãs reunidos em torno de uma obra. É o conjunto de pessoas que tem os mesmos interesses sobre os temas retratados nas fanfics.

agrupamentos menores para discutir, debater e compartilhar materiais. Desta forma, o funcionamento de um fã-clubes se faz como um laço social em torno de um objetivo comum. Por meio deste, há o reconhecimento por parte dos elementos do fandom de seus membros, partícipes de um mesmo ideal.

Com a expansão da internet o *lócus* dessas trocas passou de agrupamentos presenciais, e se transformaram em sítios virtuais (os sites), fóruns de discussões, páginas oficiais de divulgação de conteúdo e que são buscadas por aqueles que se interessam por determinado assunto especificamente. Concomitantemente a essa mudança social -a passagem de encontros físicos para virtuais- houve a criação de plataformas virtuais para divulgação de informações a um número maior de fãs. Um fã-clubes agora poderia integrar pessoas de diferentes lugares de um mesmo país e até mesmo situados em países a centenas de quilômetros de distância.

A identificação, tal como descrita por Freud (1921), é o laço emocional mais remoto que um sujeito tem. Ela foi estudada de forma mais sistematizada em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Este livro foi escrito tentando responder à questão “o que faz serem coesas as massas?”. Esta pergunta norteia todo o trabalho de Freud, que em seu texto dedica um capítulo especial para a questão da Identificação. Neste mesmo texto o autor afirma que a psicologia individual é a mesma social. Isso nos leva a considerar que não há um momento em que o sujeito interaja com o social fazendo deste o momento primeiro. Há, portanto e sempre, uma relação entre-dois. Isso nos ajuda a pensar as razões que levam centenas de pessoas a escreverem e lerem histórias criadas por anônimos na internet. Há uma predisposição inata para buscar algo que possa fazer sentido com os sentimentos e com a vida mental, mesmo que seja de forma lúdica, por meio da arte.

Freud (1921) sugere que as massas se unem libidinalmente, através de vínculos amorosos. Assim, a massa se mantém unida pela força agregadora de Eros, representada no suposto amor que o líder teria pelos membros da massa. À esta força agregadora haveria uma renúncia à individualidade e vida pulsional, que levaria os membros do grupo a identificarem aos demais membros entre si. No caso das *fanfics*, podemos depreender que o escritor assume essa função de líder, sendo o catalizador que une, a um só tempo, pessoas de diversas idades, níveis instrucionais e lugares diferentes. Estas podem ou não interagir entre si a respeito da história, fazem depoimentos, dizem de identificações com partes ou personagens da história e podem até fazer apontamentos sobre os rumos da história para o/a escritor/a.

A compreensão do mecanismo da Identificação torna-se bastante importante na obra freudiana, uma vez que ela nos informa um caminho constituinte do ser humano. Freud fala da identificação em outros momentos de sua obra, mas especialmente nesta faz-o no sentido de laço mais antigo e como constituinte do que nos torna humanos e do que consegue fazer ligação entre sujeitos. Para Freud (1921), a condição básica para ingresso num grupo seria a possibilidade de colocar parte do seu narcisismo à disposição do grupo, como investimento. Essa parte investida é utilizada na formação da identificação. Podemos considerar que a auto exposição daquilo que toca e faz sentido da história criada na história do leitor indica essa colocação “do seu narcisismo à disposição do grupo” criando um ponto comum entre leitores/autores.

O amor sensual é substituído, nas massas, pela identificação dos membros entre si e na eleição de um líder em que se pressupõe um amor por todos do grupo. Este líder é posto no lugar de ideal e o ego, por sua vez, deve se submeter (Freud,

1921). Freud avança em sua argumentação no referido texto fazendo uma importante distinção: destaca que a diferença entre o enamoramento e a identificação se dá, entre outras coisas, pela introjeção no Eu do objeto. Ressalta que há, portanto, um enriquecimento do Eu na identificação, por 'cooptar' para si atributos do objeto.

Através desta, depreende-se de Freud que o ego tenta acolher em si características oriundas de um outro. Este é um traço constitutivo do ser humano. Ao longo do estudo Freud ilustra com exemplos diversos o fenômeno da identificação antes de passar à análise desta matéria aos grupos. Passemos à questão que faz relação entre a identificação, a criação de fandoms e as fanfics.

Percebe-se que participar de um grupo de fãs confere ao escritor um traço distintivo que o insere num lugar específico: uma pertença. Isso será importante quando considerarmos os *feedbacks* enviados pelos leitores a respeito das *fanfics* sobre o próprio desenrolar da trama escrita, podendo acrescer ou modificar partes do material. Por hora cabe ressaltar o que o mecanismo da identificação é, entre outras coisas, o responsável pela legião de leitores que decidem acompanhar a escrita, por vezes demorada, de *fanfics* que são lançadas com regularidade variada. Também se aventa a possibilidade de ocorrer efeitos no leitor que passa por situações ilustradas na história relatada.

CAPÍTULO 2: MÉTODO

2.1.A pesquisa qualitativa e psicanálise

Realizamos uma pesquisa exploratória com o método clínico qualitativo com interpretação psicanalítica. O método clínico qualitativo utilizado nesta pesquisa visa apreender fenômenos complexos em que a quantificação não se faz a melhor escolha metodológica (Turato, 2005). Busca-se compreender o comportamento humano com suas nuances e significados, que são imbricados por aspectos semióticos e culturais. Assim, Minayo (2001, p. 22) define que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Complementando a pesquisa qualitativa a psicanálise oferece um arcabouço teórico interpretativo que permite analisar informações e processos complexos. Nesse sentido, Mezan (2006) discute questões pertinentes à pesquisa em psicanálise e tece reflexões importantes quanto às pesquisas que se debruçam sobre ‘temas psicanalíticos’. Ressalta ainda a complexidade do objeto de estudo em psicanálise, tendo por horizonte o pensamento clínico, que fomenta e mantém aquilo que é específico na pesquisa em ou de psicanálise: a singularidade. Ainda sobre esse aspecto, Figueiredo e Minerbo (2006) consideram que a psicanálise pode ser tomada como objeto de pesquisa, tanto quanto os aspectos clínicos podem sê-lo.

Entretanto, neste estudo majoritariamente vamos nos ater a utilizar a psicanálise como arcabouço teórico interpretativo que permite fazer análise dos

dados a partir dos conceitos psicanalíticos. Podemos, entretanto, na medida do possível, fazemos inferências sobre aspectos da clínica que se façam relevantes, não se constituindo excludente do objetivo principal que é analisar as fanfics produzidas por adolescentes em contexto de plataforma virtual na qual são participantes anônimos.

É nesse contexto de publicações de textos autorais em plataformas na internet que este trabalho se debruça a analisar de forma exploratória as fanfics, histórias publicadas por adolescentes em plataformas abertas. Propomos como hipótese que a narrativa parece funcionar como ferramenta possível no que se refere à possibilidade de inscrever o sujeito na cultura, por meio do uso de objetos culturais, bem como se torna um dispositivo de simbolização. As perguntas de pesquisa que nos direcionaram, foram: as fanfics constituem-se como dispositivo de simbolização do traumático na adolescência? A escrita, nesse contexto, é um mediador que possibilita a simbolização de processos mentais, incluindo os conflitos? Como estas histórias podem ajudar o clínico na condução do tratamento de adolescentes que fazem uso destas plataformas?

O interesse pelas fanfics se deu por meio da atuação profissional deste autor, que notou recorrentemente o oferecimento, por parte de pacientes adolescentes, de suas fanfics para serem lidas e comentadas durante os atendimentos. A plataforma que foi utilizada neste estudo foi escolhida a partir dessas interações analista-paciente, pelo que já havia de conhecimento a respeito da plataforma e por questões lidas à forma intuitiva que a plataforma apresenta as temáticas, as TAGs e de como são dispostas as narrativas.

2.2. Contexto e participantes

Foram selecionados na plataforma virtual <https://www.spiritfanfiction.com/> trinta adolescentes autores de fanfics da categoria “TERAPIA”. A escolha da categoria se fez em virtude de conter nas histórias-fragmentos de sessões narradas, que a princípio pareceu a este autor sugestivo de reformulações ou avanços na posição subjetiva dos autores e na exposição sistemática de descobertas efetuadas em processos terapêuticos.

2.3. Instrumentos de pesquisa

Questionário

O questionário foi produzido para coleta de dados como idade (se maior ou menor de 18 anos), acesso a serviços de saúde mental, percepção de benefício na relação entre psicoterapia e escrita e a finalidade com que cada autor escreve. Com relação à questão do benefício da psicoterapia foi disponibilizado espaço para que o sujeito de pesquisa pudesse descrever a própria percepção das relações entre escrita e psicoterapia. O roteiro encontra-se no Anexo 3.

Ressalta-se que a escolha das perguntas foi realizada a partir da experiência de atendimento a adolescentes. Assim, tanto as perguntas como as palavras selecionadas para compor as finalidades das fanfics são resultado dessa interação de escuta prévia. Havia no questionário campo apropriado para a exposição de motivo outro que não os elencados, campo esse que não foi utilizado por nenhum respondente.

2.4 Análise documental das histórias das Fanfics produzidas pelos autores anônimos

Os textos das fanfics foram retirados do site “www.spiritfanfiction.com”, uma plataforma de escrita e publicação online de textos criados por fãs a partir de histórias baseadas em cenários pré-existentes tais como filmes, livros, séries, animes, etc. Ressalta-se que a escolha pela plataforma citada se deve ao fato de ter sido a mais referenciada pelos pacientes atendidos por este autor e que, por conveniência de uso, foi escolhida.

2.5. Procedimentos para coleta dos dados

Para a consecução dos objetivos que foram elencados, partiu-se da análise documental de textos produzidos no formato fanfic, publicadas na plataforma <https://www.spiritfanfiction.com/> . Esta plataforma foi escolhida pelos recursos apresentados, como as categorias e TAGS. Visou-se, assim, que o pesquisador pudesse selecionar participantes de pesquisa e enviar, via mensagem de texto disponibilizado na própria plataforma, o TCLE, documento necessário para autorização da pesquisa, devidamente preenchido, em forma de convite, em Anexo 3.

Após o envio do TCLE, foi enviado aos autores mensagem de texto com o convite formal a responderem um Questionário com oito perguntas. Destas, 7(sete) perguntas foram fechadas, incluindo uma que solicitava autorização para uso da história em questão. Uma questão aberta possibilitava uma resposta com 2000 caracteres. Neste campo foi possível aos respondentes falarem sobre o efeito e

benefícios da escrita. Considerou-se que a oportunidade de colher informações a respeito da função da escrita das fanfics auxiliaria nas inferências a respeito da interpretação do material.

Os textos das fanfics retirados do site “www.spiritfanfiction.com”, uma plataforma de escrita e publicação online de textos criados por fãs a partir de histórias baseadas em cenários pré-existentes tais como filmes, livros, séries, animes, etc. A própria plataforma descreve a si como uma “plataforma para autopublicação de livros. Solte sua imaginação, escreva suas histórias, tenha sua própria página personalizada, compartilhe ideias, faça amizades.” (<https://www.spiritfanfiction.com/informacoes/politica-de-privacidade>). A descrição da página evidencia o caráter relacional e gregário da comunidade de escritores de fanfics.

As histórias estão publicadas na plataforma de maneira pública, sendo de livre acesso, podendo ser visualizadas somente por pessoas que ingressam na plataforma a partir de um login e senha criados após o preenchimento do campo ‘Registre-se’.

Regulamentando o acesso, a própria plataforma informa aos usuários na seção “Política de Privacidade” que:

“Sobre o que outros usuários e não usuários (público geral) do Spirit podem ver?

Nossos serviços são elaborados para ajudá-lo a compartilhar informações e publicações com a comunidade de leitores e escritores Spirit. Qualquer informação pessoal que você voluntariamente escolher incluir em uma área publicamente acessível do Serviço estará disponível para qualquer pessoa

que tenha acesso a esse conteúdo (incluindo outros usuários e também não usuários (público geral) do Spirit), como seu nome de usuário, nome, data de nascimento, gênero, a descrição que você cria e sua localização, bem como as mensagens que você publica, seja em seu perfil, em nossos fóruns ou para outros usuários e as listas que você cria, pessoas que você segue, histórias que você escreve e comenta e, muitos outros dados de informação que resultam de seu uso dos Serviços. (disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/informacoes/politica-de-privacidade>).”

2.6. Procedimento de análise dos dados

Os dados do questionário foram analisados e agrupados segundo aspectos descritivos e análise do conteúdo das questões abertas da pesquisa. Na análise qualitativa dos dados, as informações obtidas através de questionários, observações, entrevistas etc são agrupados, categorizados, e compilados e analisados a fim de se produzir uma síntese destas informações (Shaughnessy e et al, 2012).

Os textos/autores das fanfics foram selecionados a partir do ranking de relevância na categoria de acessos. O intuito foi de predispor as 30 (trinta) primeiras histórias ranqueadas no site sob a palavra-chave/TAG³: “terapia”. Os textos estavam, quando se considerando somente a história narrada, impreterivelmente em português. Algumas histórias selecionadas continham títulos em inglês ou outra língua, mas dispunham da totalidade da narrativa em português. Foram excluídas,

³ Tag” em inglês quer dizer etiqueta. As tags na internet são palavras que servem justamente como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas.

através do filtro, fanfics que pudessem estar em outro idioma, visto as limitações semióticas de escrita e interpretação em línguas não maternas.

Trinta histórias foram selecionadas segundo o ranking de relevância estabelecido pela própria plataforma. Destas, seus autores foram convidados via e-mail disponibilizado no aplicativo em questão. Dentre estes, somente 29 responderam ao link enviado, sendo, portanto, os dados que foram utilizados nesta pesquisa.

Foi utilizada, majoritariamente, a análise de conteúdo aos dados obtidos. Segundo Shaughnessy et al (2012) pode ser definida, de maneira geral, como qualquer técnica objetiva de codificação que permita que os pesquisadores façam inferências baseadas em características específicas de registros Arquivísticos (Holsti, 1969).

De maneira mais específica, buscou-se desenvolver uma análise psicanalítica teórico-clínica sobre as produções das fanfics considerando que estas são formas de representação e simbolização de conteúdos subjetivos que podem ser expressos pelo uso de plataformas digitais, em uma interlocução sobre o cenário da clínica da adolescência. Considerando as especificidades do uso das tecnologias disponíveis, pensou-se apresentar o material encontrado a partir de fragmentos das histórias. Em seguida, ponderou-se sobre as especificidades da escrita enquanto possibilidade de representação e simbolização, por meio das fanfics. E por último, objetivou-se discutir como poderia ser utilizado pelo clínico este material para expandir o dispositivo analítico com adolescentes, que incluía as mudanças sociais e culturais da sociedade.

Foram escolhidos nas ilustrações vinhetas que correspondiam a partes das histórias para demonstrar manifestações dos aspectos subjetivos, clínicos,

transferenciais e de construção de um saber articulado entre a prática e teoria (Vorcaro, 2003).

As histórias foram analisadas pelo conteúdo a partir de eixos construídos pelo pesquisador. Importante ressaltar que, apesar de estarem publicadas e serem acessíveis a todos quanto se inscreverem, há na política de uso da plataforma informativos regulamentares.

CAPITULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÃO: OS ADOLESCENTES E A NARRATIVIDADE POR MEIO DA ESCRITA DAS FANFICS

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos com os jovens e adolescentes. Em um primeiro momento apresentaremos de forma mais sistematizada os dados descritivos relativos ao questionário, informando perfil dos respondentes, questões fechadas preliminares sobre as fanfics: finalidade da escrita das fanfics; relação da escrita das fanfics com o tema terapia; Identificação do autor com o personagem e questões abertas sobre se houve benefício com a escrita das fanfics e qual a função das fanfics, seguindo as perguntas do questionário apresentado no Anexo 3.

Em um segundo momento analisaremos as narrativas das fanfics seguindo a proposta da análise de pesquisa qualitativa (Minayo, 2001, p. 22) e de conteúdo pela metodologia interpretativa de Bardin (1977). Para tanto, os dados foram dispostos em tabela (Anexo 2), com as devidas categorias conceituais, a fim de extrair de cada história dados similares, e permitir, quando possível, a comparação dos conteúdos escritos nas fanfics.

Este capítulo, portanto, será dedicado a apresentar os dados gerais das fanfics, as temáticas encontradas, uma análise preliminar com temas recorrentes e uma discussão dos trechos utilizados para ilustrar as categorias de sentido criadas para facilitar a exposição dos dados oriundos das histórias.

3.1. Análise do questionário

3.1.1. Do perfil dos respondentes

Os respondentes da pesquisa foram vinte e nove pessoas com menos de dezoito anos. Isso representa 29,59% dos escritores da TAG1 “terapia”, a quem foram enviados convites (ANEXO 4). Quanto ao sexo, responderam a pesquisa, 62% de mulheres e 38% de homens. Não foram encontrados na plataforma dados oficiais sobre a idade dos escritores. Os dados constantes deste estudo são fruto de autodeclarações de idade dos respondentes.

3.1.2. Questões fechadas preliminares sobre a fanfics

A seguir serão apresentados os dados recolhidos do questionário enviado pela plataforma utilizada pelos adolescentes, e que tinha como objetivo ter dados gerais deles, e os usos particulares das fanfics.

3.1.3 Finalidade da escrita das fanfics

Os adolescentes perguntados sobre a finalidade da escrita das fanfics, as temáticas mais citadas foram: lazer (62,5%), válvula de escape (50%), terapêutico (43,75%), desejo de vender ou ganhar dinheiro (15,63%) e estudar (15,63%). A

escolha das respostas não era exclusiva. Assim, alguns respondentes fizeram mais de uma marcação, e por este motivo os valores ultrapassam 100%.

Os dados sugerem que para a maioria dos jovens, escritores das fanfics tem finalidades de distrações(lazer), depois para lidar com questões emocionais, evidenciado seu uso terapêutico, e como válvula de escape. Foi elencado também como uma finalidade “estudar”, o que sugere que alguns adolescentes observam a escrita das fanfics como possível meio de melhoria da capacidade de redação, concatenação de ideias, organização do pensamento e recurso para aprimoramento das habilidades de escrita. Faz-se necessárias pesquisas que apontem, talvez, a possibilidade do uso das fanfics como ferramenta educativa.

3.1.4 Relação da escrita das fanfics com o tema terapia

Sobre a relação entre terapia e a escrita das fanfics, tema central neste trabalho, a maioria das pessoas (62%) responderam que já fizeram terapia. Sobre a percepção de benefício atrelada ao fato de escrever as fanfics, vinte e sete de vinte e nove respostas, ou seja, 93% delas, apontaram positivamente. Comentários sobre os benefícios apontados serão relatados mais a frente, quando forem analisadas as respostas abertas.

Nossa hipótese é de que alguns adolescentes utilizem da escrita com função terapêutica, fato este que fica evidenciado tanto nas respostas fechadas quanto nos comentários da pergunta aberta. Poderíamos pensar na escrita das fanfics como tendo uma função de suplência por permitir a organização de experiências e a passagem à representação? A narratividade permitiria uma metaforização dos

estados mentais? Talvez seja importante analisar a função da escrita para sujeitos que estão e que saíram de processos psicoterapêuticos.

3.1.5 Identificação do autor com o personagem

Perguntados sobre a existência de identificação do autor com algum personagem cerca de 76% dos respondentes disseram que se identificavam com algum personagem da história narrada. Considerando o gênero, as mulheres (62%) foram as que mais se identificaram com algum personagem. É importante frisar que não foram encontrados estudos analisando mecanismos de projeção, identificação projetiva ou conceito equivalente mostrando as relações entre a identificação ao personagem e possíveis benefícios ou não para seus escritores. Sobre a identificação com personagens, os dados parecem sugerir que os escritores podem estar projetando partes de si nos personagens e esta percepção nos parece ser consciente. A escrita pode estar sendo utilizada como forma de expressividade e reflexividade (Roussillon, 2012), por permitir um afastamento da situação angustiante e possibilitar a elaboração da situação.

Ainda sobre a identificação a um personagem, podemos considerar a possibilidade de os escritores estarem utilizando-se dos personagens para exploração das próprias identidades e promovendo nestes avatares seus anseios, desejos, ansiedades e dificuldades (Klein, 1982). Por meio da Identificação projetiva o escritor expulsaria de si partes ansiogênicas e poderia, então, identificar-se com elas, inclusive pensando sobre tais partes projetadas. Poderíamos aventar a possibilidade

de serem os personagens imagens especulares (Lacan, 1998), como ressaltados em “O estádio do Espelho”? Neste caso, a identificação teria função de formadora do Eu a partir de um “outro”, ainda que este seja parte do próprio escritor? Ainda considerando esta possibilidade, poderia essa atividade identificatória estar a serviço de uma integração de aspectos da personalidade?

3.2. Questão aberta: “Se houve algum benefício, você poderia falar sobre ele? (se não houver, ignore).”

Na resposta à questão aberta, todos os participantes responderam que a escrita tinha funções de *hobby* e que tinha uma função de válvula de escape. Isso foi destacado pelos adolescentes quando utilizam as palavras “escape”, “válvula de escape” ou fazendo menção à escrita como escoamento de tensões e conflitos. Isso é coerente com Jucá (2021) e Birraux (2012), uma vez que afirma a escrita enquanto possibilidade de canalização de afetos e estados mentais internos, sendo as *fanfics* representantes da cultura juvenil e, portanto, representando objetos culturais.

Sobre esse aspecto das *fanfics* serem objetos culturais alguns adolescentes ressaltam a sua responsabilidade em continuar a escrever uma história que está sendo acompanhada por leitores. Isso demonstra que a escrita é tomada também pelo viés do vínculo e laço social. Os adolescentes mantêm uma relação com seus leitores, inclusive tendo acesso aos comentários das impressões que tiveram a respeito da história.

Quase a totalidade dos respondentes (93%), responderam que percebem benefícios após começarem a escrever *fanfics*. Os dados são limitados e não

possibilitam informações detalhadas sobre em que época se iniciaram os benefícios se, eles têm relações com início da terapia ou se a escrita foi utilizada de forma terapêutica. Outro ponto que não é possível detalhamento refere-se a quantos adolescentes iniciaram de forma espontânea a escrita ou foram motivados por terapeutas, amigos ou professores, por exemplo.

Os benefícios, segundo comentário dos adolescentes, referem-se à melhora do estado geral de saúde mental. Embora não tenha sido apontado, hipotetizamos também que o pertencimento a uma comunidade pode ser um benefício secundário. Sabe-se que na adolescência há busca por grupos de pertencimento, sendo os *fandoms*⁴ possibilidades reais de grupos, bem como as comunidades de escritores relacionados, que proporcionam uma identidade e reconhecimento por parte dos pares (Levy, 2022).

Foram destacados pelos adolescentes outros benefícios, tais como: o desenvolvimento da criatividade, aprimoramento da habilidade de narração e escrita, e o autoconhecimento. Além disso, foram reportados benefícios como meio de expressão e processamento de emoções. Por meio da escrita das *fanfics* os escritores relatam refletir sobre si mesmos, seus traumas, e a possibilidade de buscar, assim, uma forma de resolução para os problemas. Ademais, elenca-se como

⁴ Um fandom é um grupo de pessoas que são fãs de determinada coisa em comum, como um seriado de televisão, uma música, artista, filme, livro etc. Os seus membros costumam discutir virtualmente todos os assuntos relacionados com aquilo que são fãs. A grande diferença entre fanclubs e fandoms está no uso das redes sociais online como ferramenta para se comunicarem, se articularem e compartilharem os seus gostos em comum com pessoas de todo o mundo.

benefício o pertencimento e a conexão com outros autores e com pessoas com os mesmos interesses.

Assim, foi possível categorizar as *fanfics* na questão aberta a partir das recorrências de temas que qualificavam a escrita como : válvula de escape; forma de autoconhecimento; benefícios para a saúde mental; contribuindo com a melhora da redação ao longo do tempo; incentivo à criatividade; forma de processar pensamentos e sentimentos; forma de desabafar e se sentir mais leve; forma de compartilhar ideias e, forma de se conectar com outras pessoas; compartilhar de experiências pessoais; lidar com traumas; forma de ampliar e pesquisar sobre diversos temas.

3.3. Análise de conteúdo das *Fanfics*

Utilizamos neste estudo para analisar os dados coletados a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), técnica amplamente utilizada em pesquisa social, que consiste na sistematização e interpretação de dados brutos coletados por meio de questionários, entrevistas, observações, entre outros, e que são agrupadas, categorizadas e compiladas, e, em seguida, analisadas a fim de produzir uma síntese de informações conforme Shaughnessy et al (2012).

Esta técnica foi utilizada para examinar os dados/trechos coletados das *fanfics* na plataforma. Conforme Holsti (1969), a análise de conteúdo é uma técnica objetiva de codificação que permite aos pesquisadores fazer referências com base em características específicas de registros arquivísticos. Da sistematização e síntese das

informações decorreu nova análise, sendo esta a partir dos pressupostos psicanalíticos, a fim de propor reflexões desde o lugar da escrita passando pela escrita fantástica e do uso das fanfics como formas de representação, até a proposição sobre o dispositivo de atendimento a adolescentes.

Os conteúdos apresentados nas histórias selecionadas foram categorizados e listados conforme foram aparecendo nas *fanfics*. Os dados foram dispostos em tabela (ANEXO 1 e 2) e foram analisados em conjunto. Os conteúdos foram dispostos em categorias de sentido, a fim de proporcionar uma melhor compreensão das temáticas constantes nas fanfics. Considerando-se o conjunto das temáticas que aparecem nas histórias, observou-se que elas podem ser dispostas quanto ao conteúdo nessas quatro categorias:

1. **Fanfics e Saúde mental e emocional:** depressão; solidão; cleptomania
2. **Fanfics e Autoconhecimento:** insegurança; terapia; trauma emocional
3. **Fanfics e Relacionamentos Interpessoais e familiares:** amizade; apoio emocional; problemas familiares; pressão social e familiar; conflitos familiares
4. **Fanfics e Descoberta e aceitação da sexualidade:** romance; dificuldades e preconceitos em relacionamentos homoafetivos; traição; relacionamentos abusivos; diferença de idade em relacionamento.

Disponer os dados conforme a Tabela (Anexo 2) serviu para avaliar os temas de interesse dos adolescentes escritores, suas preocupações e os problemas mais comumente retratados nas fanfics. Considerando-se que as fanfics são produções situadas num dado tempo e sociedade, elas fornecem uma visão das tendências temáticas de determinado grupo analisado. Se Freud (1921) argumenta que não há diferenças entre a psicologia individual e a social, podemos pressupor que estas histórias decantam aspectos sociais que atravessam as individualidades, tanto quanto se constituem temas transversais à adolescência, imprimindo nesta as marcas de uma sociedade.

3.3.1. Fanfics e Saúde mental e emocional

Uma vez que os dados foram dispostos em categorias de sentido, observou-se que: quanto à Saúde mental e emocional, as histórias abordam temas relacionados à saúde mental, ao autoconhecimento e à busca por ajuda terapêutica. Esses aspectos complexos da vida humana são explorados de forma direta ou indireta nas tramas.

A presença recorrente de temas como depressão, solidão e a cleptomania nas histórias evidencia a relevância dessas questões, independentemente do contexto socioeconômico ou social. Isso ressalta a importância de abordar a saúde mental na literatura ficcional, especialmente para os adolescentes em fase de desenvolvimento. A cleptomania foi elencada nesta categoria por representar os comportamentos

desviantes das normas sociais que trazem prejuízo tanto ao desenvolvimento individual, familiar, social e representar conflito com a lei. Há a presença de questões ligadas à moralidade, retratadas no furto que se faz à terapeuta na história. Este ponto parece sugerir traços da transferência relacionada ao tratamento.

3.3.2.Fanfics e Autoconhecimento

Na categoria dedicada ao autoconhecimento os adolescentes falaram sobre insegurança, traumas e a terapia como lugar de cura e esperança. A terapia é retratada como uma jornada de descoberta de si mesmos, buscando compreender seus próprios sentimentos e lidar com as dificuldades internas e estados mentais. Elas permitem inferir que há o reconhecimento da existência de um mundo interno, permeado de fantasias e processos passíveis de investigação. A atividade reflexiva é evidente na escrita, mostrando a importância de explorar a interioridade psíquica.

O tema do autoconhecimento também está relacionado à busca por ajuda terapêutica, mostrando que os personagens reconhecem a necessidade de apoio emocional e orientação profissional para enfrentar seus desafios internos. Essas histórias servem como uma forma de inspiração e incentivo para os leitores explorarem sua própria jornada de autoconhecimento, buscando compreender quem são e como podem crescer e se desenvolver como indivíduos.

3.3.3. Fanfics e Relacionamentos Interpessoais e familiares

Quanto à terceira categoria, Relacionamentos interpessoais e familiares tratam das dimensões da intersubjetividade que são explorados nas histórias, com ênfase em temas como amizade, problemas e conflitos familiares, apoio emocional e pressão social e familiar. Esses aspectos revelam os conflitos que podem surgir nas relações com outras pessoas e na dinâmica familiar. Há, também, temas bastante sensíveis, como incesto, violência e relações abusivas, o que pode representar tanto a atualização das fantasias edípicas quanto a elaboração de aspectos fantasmáticos. De igual forma, a retratação da violência pode sugerir que esta está sendo transformada em narrativas e posta em representação, permitindo assim a integração e elaboração. A escrita como forma de representação e reflexão é evidenciada, conforme os escritores retratam conflitos e buscam novas formas de abordar as relações conflituosas, seguindo as ideias de Freud (2015/ 1996) sobre a modificação do mundo material por meio da criação artística. Aparecem nas narrativas aspectos que se referem a temas como identidade e pertencimento.

3.3.4. Fanfics e Descoberta e aceitação da sexualidade

Em relação à categoria Descoberta e aceitação da sexualidade foram apresentadas as histórias que abordam as fantasias de romance, a diferença de idade nas relações amorosas, traição, dificuldades nos relacionamentos homoafetivos e

descrições detalhadas de relações sexuais. Esses aspectos destacam a importância da sexualidade na vida das pessoas e os desafios que podem surgir nesse contexto. As relações abusivas, tema recorrente na mídia e que atravessa a adolescência e vida adulta, são tratados nas histórias, permitindo a elaboração emocional e a integração desses aspectos na narrativa. A presença de personagens centrais que enfrentam dificuldades possibilita a identificação dos leitores e oferece pontos de ancoragem para sua própria experiência. Dessa forma, as histórias fornecem apoio emocional e validação para aqueles que vivenciaram situações semelhantes.

Notou-se aqui que o gênero "drama/tragédia" apareceu em cinco obras, enquanto "família" e "Literatura erótica" foram registradas em três obras. Foram registrados em duas obras os gêneros "Aventura", "ficção", "ficção adolescente", "romântico/shoujo", "gay/Yaoi", "LGBTQIA+", "mistério", "policial" e "suspense". Apenas o gênero "lésbica/Yuri" foi registrado em uma obra.

3.3.5. Análise das histórias narradas nas *fanfics*

Fazer uma análise de várias histórias, cada uma com um enredo diferente, independente, com diversos elementos em cada narrador, escritor, impõe uma certa escuta principalmente daquilo que se repete e que vai sugerindo nas temáticas retratadas que podem fazer referência a algo comum no sofrimento humano. Sobre isso, Lacan (1992) no *Seminário 17: O avesso da psicanálise*, discutiu sobre a linguagem como estrutura simbólica e o significante na constituição do sujeito. Nesta mesma obra ele explora a relação entre a psicanálise e a estrutura da sociedade, e

em como esta pode influenciar a formação do sujeito e contribuir com seu sofrimento. Assim, as fanfics podem ser compreendidas como expressões narrativizadas deste sofrimento que é produzido socialmente por meio da estrutura social.

Dito isto como um prólogo para a compreensão do lugar que a narrativa da *fanfic* ocupa neste trabalho, elas são tomadas como expressões do que é produzido na polis, uma vez que são, pelos próprios autores, apontadas como “válvulas de escape” para os sujeitos que as escreveram.

3.3.6 As fanfics como narrativas dos conflitos e apoios

Desta forma, e considerando o conjunto das produções, observou-se que aparecem conflitos com a figura materna, e um investimento na amizade como fonte de apoio e compreensão, como no caso da história de Chloe. Assim, o trecho a seguir nos informa que:

"Chloe se tornou minha confidente nesses últimos meses. Nós nos aproximamos durante as sessões de terapia em grupo e descobrimos que temos muito em comum [...] ela se tornou uma amiga verdadeira, alguém em quem posso confiar e compartilhar minhas experiências e inseguranças." (autor S2)

Também na mesma história há um sentimento de inadequação social e sensação de deslocamento (estranheza) do personagem. Ele se sente estranho e não se encaixa nos padrões e expectativas dos outros.

Em outra história aparece a fuga e busca por refúgio, em que o personagem tenta fugir de algo/alguém, empreendendo uma busca por segurança e proteção. Já em outra história aparece a oportunidade especial de, por meio de um concurso, conhecer o artista preferido, ilustrada pelo encontro da fã com o objeto amado/desejado, o artista querido.

Tema recorrente nas histórias é a busca por ajuda profissional. Serão ilustradas no texto quando falarmos do lugar da terapia através das *fanfics*. Sempre são questões ligadas a conflitos e intimidade. Juntamente com essa busca por ajuda, há a revelação de impulsos incontroláveis, como aparece na história de Sofia, em que ela luta contra o desejo de roubar e a terapia permite que ela explore suas fantasias e os efeitos desta constituição psíquica e sua relação com o sintoma, historicizando-o.

3.3.7 As *fanfics* como narrativas das vulnerabilidades

Outro ponto comum nas histórias é ilustrado mais claramente na do massagista, refere-se ao medo de passar por um processo de encontro com as vulnerabilidades. Em diversas histórias faz-se menção aos elementos ocultos na trama, que remetem ao mistério e ao ponto de desconhecimento sobre o qual as histórias, de maneira geral, giram.

Podemos extrair das histórias narradas algumas problemáticas comuns entre adolescentes. Serão citadas algumas com a finalidade de ilustrar estas temáticas mais recorrentes. Posteriormente esses resultados serão debatidos à luz das

contribuições da psicanálise e em como esta pode auxiliar no tratamento e compreensão dessas problemáticas.

O relacionamento problemático com a mãe aparece, ainda que como coadjuvante, como uma questão recorrente nas histórias. Conforme trechos a seguir:

"Minha mãe sempre teve expectativas muito altas em relação a mim. Ela nunca parecia satisfeita com nada que eu fizesse, o que gerava constantes conflitos entre nós. Eu me sentia constantemente pressionada e incompreendida."

"Minha mãe e eu sempre tivemos uma relação complicada. Ela nunca pareceu entender minhas emoções, e isso muitas vezes resultou em discussões acaloradas e mal-entendidos. Nossos conflitos constantes me deixaram emocionalmente exausta."

Assim, podemos supor que haja questões familiares que, retratadas, podem figurar como um afastamento da situação particular do escritor, fornecendo possibilidade de uma atividade primeiro de representação, depois de narratividade e, eventualmente, simbolização desses conteúdos com suas tramas e nuances.

Outra problemática recorrente refere-se à sensação de inadequação social. Esta é retratada com os avatares da autoestima, de problemas com relação à própria identidade, conflitos entre o que o sujeito deseja ser e aquilo que de fato é, bem como influência de padrões de comportamento e experiências passadas sobre a formação destes complexos de inadequação. Utilizo complexo neste caso por se referir a um conjunto de ideias que permeiam a percepção de si para si, de si para o outro e os desdobramentos possíveis desta situação na própria constituição do sujeito.

3.3.8 As fanfics como narrativas de busca de apoio e autoconhecimento

Chamarei um conjunto que envolve demandas de segurança de 'busca por refúgio'. Nesta categoria de problemáticas comuns ao universo adolescente, aparecem traumas não resolvidos, comportamentos incômodos ao próprio sujeito e questões ligadas ao medo e insegurança. Estes comportamentos aparecem nas histórias como motivadores da busca de auxílio, o que sugere que há o reconhecimento e endereçamento de demandas a um lugar de cuidado.

A terapia e seu lugar: nas histórias aparece como um lugar de liberação de emoções reprimidas, de experimentação do perdão e aceitação (de si e de outros), bem como o espaço para uma manifestação espontânea de si e a construção de uma identidade tida como mais saudável. Conforme excerto a seguir:

"A terapia tem me ajudado a entender minha sexualidade e a construir uma identidade que seja autêntica para mim. É um lugar onde posso explorar minhas emoções e desafiar as expectativas sociais."

Esta problemática é interessante e mesmo importante por requisitar do clínico uma escuta que faça separação entre a demanda de quem traz os adolescentes daquela do próprio adolescente. Pelo menos na fantasia a terapia aparece como tendo um potencial de acolhimento, que nos impõe pensarmos as adequações necessárias para fazer coincidir esta fantasia com a realidade, quando os adolescentes buscam por serviços de atenção psicológica.

3.3.9 Fanfics como narrativas e expressão de pensamentos e sentimentos

Um elemento muito comum durante as narrativas é a expressão dos pensamentos e sentimentos dos personagens, que aparecem nos diálogos, principalmente, dando ênfase à dimensão afetiva e subjetiva destes personagens. Há, por parte dos personagens que se submetem aos tratamentos relatados, uma vinculação e expressão de gratidão ao terapeuta. Isso sugere a representação de aspectos transferenciais na história, bem como ilustra o mecanismo de projeção.

"Eu me sinto perdida, como se estivesse presa em um labirinto de emoções confusas. É difícil lidar com a tristeza e a solidão que me consomem."

"Às vezes, me sinto dominada pela culpa e pela vergonha. É um turbilhão de emoções que não consigo controlar."

"Sinto um vazio dentro de mim, como se algo estivesse faltando. É uma sensação de desconexão e tristeza que não consigo explicar."

"Minha mente está cheia de pensamentos negativos e autocríticos. É como se estivesse preso(a) em um ciclo de autoaversão e baixa autoestima."

Há, por parte de alguns personagens, profundos questionamentos sobre o sentido da vida, preocupações existenciais e busca por propósitos pessoais. Isso nos remete ao que a literatura encontra como os remanejamentos e novas exigências que são requeridas dos sujeitos em desenvolvimento.

Após a categorização utilizando a metodologia de Bardin (2011), os dados foram dispostos conforme tabela 2. Extraíu-se das histórias, inferências partindo de um referencial teórico psicanalítico, a fim de se analisar o que aparece como recorrente nas histórias.

3.3.10 Temas das fanfics e sua relação com a psicanálise de adolescentes

Passaremos a analisar as temáticas encontradas na *fanfics* selecionadas, partindo de um referencial psicanalítico de clínica com adolescentes. Este estudo não pretende esgotar as possibilidades de compreensão a respeito da relação entre escrita-psicanálise-*fanfics*-adolescência. Antes, se apresenta com a pretensão de ser um estudo exploratório sobre as temáticas e eixos de sentido que aparecem retratados narrativamente articulando-os com a compreensão psicanalítica a respeito da representação, simbolização e como as histórias podem ser auxiliares como via de acesso ao inconsciente, usadas no entendimento de casos de adolescentes que escrevem.

Freud (1901) usava anotar e fazer registro de sonhos para a interpretação destes. Depreende-se disso a importância da escrita como uma forma de representar e formular em narrativas conteúdos que de outra forma poderiam se perder.

Essas anotações eram 'interrogadas' por Freud a fim de fornecer pistas sobre os elementos elididos do sonho. Ademais, a necessidade da recordação foi evocada por Freud (1901, 1980/1914) desde seus mais antigos textos como sendo fundamental ao trabalho analítico. A escrita proporciona tanto o registro quanto o emprego da criação de uma narração que tente preencher as partes esquecidas e as lacunas que de outra forma seriam obscurecidas pelo esquecimento. Sensações podem ganhar significação a partir de traços de escrita.

3.3.11.As fanfics como forma de narrar angústias, emoções, afetos

A angústia existencial é presente em praticamente todas as fanfics analisadas, sob diversas expressões. Isso é presente na literatura quando apresenta a adolescência como tempo que demanda do sujeito reorientação dos desejos, dos círculos sociais, das possibilidades de decisão, entre outros. Percebe-se, assim, que a presença deste tópico, claramente descrito ou insinuado nas histórias, sugere que esta problemática se apresenta como muito comum na adolescência. Para ilustrar com trechos, temos:

“Era como se uma sombra de angústia pairasse sobre mim constantemente, me lembrando de que a vida é efêmera e incerta [...] Eu me sentia perdido, questionando o sentido da minha

existência e lutando contra uma angústia interna que parecia não ter fim [...] A angústia existencial me consumia, me levava a questionar meu propósito, minha identidade e meu lugar no mundo”

Considerando-se o eixo saúde mental e emocional, constam passagens nas *fanfics* que referenciam claramente os temas da categoria. Os personagens, principais ou não das histórias enfrentaram momentos de tristeza profunda, intensa e persistente, desânimo e falta de motivação ao longo da narrativa. Este quadro foi retratado de maneira bastante realística, revelando inclusive os aspectos do impacto do adoecimento na vida da personagem. Importa destacar que foram relatados sentimentos de melancolia, estar presa, e desinteresse sobre atividades cotidianas, aspectos estes que sugere um quadro depressivo.

“Emily sentia-se afundar em um poço profundo de tristeza, uma escuridão que parecia não ter fim. Cada dia era uma batalha para levantar-se da cama, a falta de energia consumia seu corpo e sua mente. O sorriso que costumava iluminar seu rosto havia desaparecido, substituído por uma expressão vazia e cansada.”

Aparece também um sentimento de desesperança:

“O desânimo era constante, como uma sombra que a acompanhava em todos os momentos. Emily se perguntava se algum dia se livraria dessa sensação de peso em seu peito, que a fazia duvidar de si mesma e de suas capacidades. Cada passo

parecia uma tarefa árdua, e ela se questionava se valia a pena continuar lutando”.

O adoecimento mental é retratado com bastante profundidade, o que sugere que a escrita da fanfic pode ser usada para criar uma representação mais completa e sensível dos desafios que uma pessoa com depressão enfrenta.

Na história aparecem perdas importantes, sobrecarga emocional e própria referência da personagem a ter perdido o propósito de vida. Isso nos remete as perdas de referenciais, a perda do corpo infantil, ao desamparo e a condição de ter que elaborar luto na passagem infância-adolescência e adolescência-vida adulta (Aberastury e Knobel,1981; Levy, 2022).

A solidão também é referida por personagens, como no exemplo a seguir:

“Eu me sinto tão sozinha, sabe? É como se houvesse um vazio dentro de mim que nunca desaparece. A solidão me consome, e eu não sei como lidar com isso. Às vezes, sinto como se não houvesse ninguém ao meu redor, mesmo quando estou cercada por pessoas. É uma sensação esmagadora que me deixa triste e desanimada.”

Essa passagem nos sugere o desamparo experimentado pelo sujeito adolescente diante da necessidade de reordenamento das relações sociais. O isolamento e a solidão parecem ser saídas sintomáticas para não se confrontar com a questão do lugar que ele ocupa na vida dos cuidadores e agora, dos novos grupos sociais a que tem acesso. Isso foi debatido tanto por Winnicott (1999; 2000) quanto por Rassial (1999), quando compreendem, segundo o modelo winnicottiano, que o

sujeito é validado a partir do olhar do outro, como no caso da mãe ou cuidadores, tanto para que este olhar o interpela para o seu lugar dentro da estrutura familiar e social. A cleptomania encontrada na história, e que se desenrola com um ato dentro do consultório, com os pertences do terapeuta nos convida a pensar no lugar da atuação (ou *acting out*) no cuidado com o sujeito adolescente.

Segundo modelo adotado neste trabalho, esse movimento da adolescente na história demanda do terapeuta uma demanda de interpretação e mensagem cifrada. Como relato abaixo:

“Olho para a bolsa dela, perto da cadeira, e um pensamento terrível passa pela minha cabeça. Eu poderia pegar o celular dela, ou talvez a carteira. Ninguém saberia, não é? Não há ninguém aqui além de nós. Seria tão fácil. Eu poderia fazer isso.

3.3.12.As fanfics como forma de narrar comportamentos e sentidos dos sintomas

A cleptomania encontrada em uma história, e que se desenrola com um ato dentro do consultório, com os pertences do terapeuta nos convida a pensar no lugar da atuação (ou *acting out*) no cuidado com o sujeito adolescente. Segundo modelo adotado neste trabalho, esse movimento da adolescente na história demanda do terapeuta uma demanda de interpretação e mensagem cifrada. Como relatada na fanfic abaixo:

“Olho para a bolsa dela, perto da cadeira, e um pensamento terrível passa pela minha cabeça. Eu poderia pegar o celular dela, ou talvez a carteira. Ninguém saberia, não é? Não há ninguém aqui além de nós. Seria tão fácil. Eu poderia fazer isso.”

Nessa história, a jovem explora seu desejo de roubar, aparecendo logo após efetuado o ato um alívio e certa excitação.

"Eu sabia que era errado, mas não conseguia evitar. A adrenalina corria pelas minhas veias enquanto eu observava os objetos em exposição. A tentação era irresistível. E então, quando finalmente pegava algo escondido, a sensação de alívio invadia meu corpo. Por um breve momento, todos os meus problemas desapareciam, e eu me sentia viva."

Esse trecho é coerente com a teoria exposta a respeito da passagem ao ato e do acting out na primeira parte deste trabalho. Em ambas há como resultado a produção de um apaziguamento dos estados internos. Considera-se que dada a busca por ajuda profissional, é mais provável de tratar-se de um *acting-out*, uma vez que este ato é realizado e contado em sessão, como que um pedido de ajuda diante do agir repetitivo. Poderíamos considerar também a dimensão de uma repetição sintomática; entretanto, assim ela completa:

“Eu... Eu tenho um problema. Algo que venho escondendo por muito tempo e que está me consumindo por dentro. Eu sou uma cleptomaníaca [...] Eu sinto uma compulsão incontrolável de roubar coisas, mesmo que eu saiba que está errado. Eu tentei

resistir, mas é como uma voz na minha cabeça que me empurra a fazer isso. É um impulso irresistível.[...] Eu não quero mais viver assim, carregando esse segredo. Preciso de ajuda. Preciso que alguém me entenda e me ajude a lidar com isso."

Esta passagem, que engloba três trechos em momentos diferentes da história nos possibilita compreender o endereçamento ao outro de um pedido de ajuda. Tanto faz referência ao lugar da demanda (Sei & Zuanazzi, 2016) quanto à transferência.

A respeito do primeiro eixo analisado, que se refere à saúde mental e emocional, é possível pensarmos nas questões clínicas que atravessam as histórias, sugerindo que os adolescentes tomam a história como parte de um relato testemunhal ou autobiográfico quando estes mesmos autores relatam que por diversas vezes projetam sobre as criações partes dos conflitos vividos a fim de tomar deles certa distância que os permita pensar sobre os eventos em questão.

Levy (2022) e Marty (2006; 2012) discutem que a saída da infância é marcada por perdas significativas e as saídas para o desamparo suscitado nesse processo podem ser sintomáticas, com os agires, sejam *acting out*, passagens ao ato ou repetições sintomáticas.

Segundo as respostas dadas pelos adolescentes a respeito do uso das *fanfics*, quase todos informaram que ela era um espaço de expressão das próprias dificuldades, e lugar para colocar os sentimentos sob a forma escrita. Isso nos permite considerar a potencialidade da escrita como via de descarga de afetos. Kuppermann (2012) ressalta o trabalho de representação efetuado na escrita, destacando a análise de Freud como tendo sido efetuada a partir de uma imensa troca de cartas entre ele

e Fliess. Isso é importante por nos servir de hipótese de que há a passagem do registro puramente sensório ao representacional e, eventualmente, ao campo da simbolização.

A narrativização produz, ela mesma, uma atividade de observação de si, a exploração de sentimentos e sensações e a colocação em palavras destes estados internos. Através de um avatar³, que seria o personagem, o autor da fanfic pode deslocar para fora afetos e pensamentos, atribuindo-os a um outro, conforme o modelo adotado da Identificação Projetiva (Klein, 1952).

3.3.13. Fanfics como narrativa das relações, vínculos e laços sociais

No segundo eixo adotado para análise, das relações interpessoais, foram abordados os temas Amizade, Apoio emocional, Problemas familiares, Pressão social e familiar e Conflitos familiares. Esta é uma categoria que faz referência ao laço social e ao posicionamento subjetivo do adolescente diante do mundo que o cerca, e perante a si. É, portanto, um eixo que indica a identidade como fundamento.

"Amigos são aqueles que estão ao seu lado nos momentos bons e ruins, que compartilham risadas e lágrimas, que te apoiam e te entendem. E mesmo com todos os meus problemas, eu sou grata por ter amigos como eles, que me aceitam e me amam do jeito que sou."

O trecho citado remete à saída do círculo familiar e a adoção de novos laços, inclusive atribuindo a eles funções de suporte e apoio. Na adolescência as questões ligadas à pertença e grupos de pares é tema bastante recorrente na clínica, uma vez que os adolescentes são convocados, através do próprio processo civilizatório que os introduz em ambientes extrafamiliares a buscarem grupos de pertencimento. Como relata um dos participantes nessa história:

"Eu me sentia constantemente pressionada pelas expectativas da sociedade, pelos padrões de comportamento que eu sentia que precisava seguir. Era como se estivesse sempre tentando me encaixar em um molde, mesmo que isso significasse perder minha própria identidade."

Uma importante contribuição na compreensão da adolescência enquanto processo de simbolização dos aspectos infantis, e como processo de individuação-separação, é o conceito de bases narcísicas, que nos permite pensar o risco de desmoronamento a que alguns sujeitos se vêem passíveis de experimentar.

Na história a personagem teme se perder em meio às novas exigências que recebe do meio social. O afastamento do seio familiar que permite a individuação cobra de alguns sujeitos um alto preço: o medo do esfacelamento pela perda dos referenciais. A respeito disso Jeammet (2005) defende que as bases narcísicas são testadas neste momento em que o sujeito precisa fazer o processo de constituir-se, mantendo uma linha contínua na experiência de vida que ainda permita-se reconhecer como unidade, mas que contenha a abertura necessária para acolher e reconhecer a diferença.

Numa sociedade em que a diferença é posta em questão como algo a ser extirpado, e isso é escancarado no bullying, o medo de não se encaixar e a urgência pelo molde onde o adolescente deveria estar são temas amiúde comuns. Essa pressão pode advir tanto das exigências internas, fomentadas, obviamente por um superego rígido e que desautoriza e rebaixa o sujeito, quanto de fontes externas: o mundo adulto solicita através das comparações ou da fala direta de algo como um “você já deveria comportar-se desse jeito”. Esse tipo de sofrimento é relatado nessa história:

"A pressão para me encaixar nos padrões da sociedade era esmagadora. Eu tinha medo de ser julgada e rejeitada, então acabava fazendo coisas que não queria apenas para ser aceita. Era uma luta constante entre ser eu mesma e atender às expectativas dos outros."

Vemos neste ponto da história a personagem em um conflito que pode muito bem ilustrar o processo de individuação/separação, em que o sujeito precisa ir decidindo o caminho próprio em detrimento de outros caminhos que lhes são apresentados. Os adolescentes, por vezes, são instados pela geração precedente aos caminhos que devem seguir. Isso é posto, muitas vezes, como preocupações e angústias que se referem ao futuro profissional e educacional. Alguns, nesse momento, são acometidos por inibições sintomáticas como forma de defesa ante às escolhas a serem feitas. Jeammet (2005) produz reflexões importantes no campo da análise das bases narcísicas enquanto forma de continuidade do ser, operando para que o sujeito não se sinta a tal ponto desancorado de referências, aquelas que até

então tinha, que desabe num sentimento de 'não-ser', uma forma de vivência onde não se reconheça mais como sujeito.

Um aspecto relatado nas fanfics analisadas e que pode ser ilustrado a partir do fragmento abaixo revela o medo e a sensação de desamparo a que o adolescente muitas vezes se vê inundado, como nesse relato:

"Em casa, as coisas também não estavam bem. Brigas constantes, falta de comunicação e um ambiente carregado de tensão eram a rotina. Eu me sentia perdida e desamparada, sem um porto seguro para recorrer."

O adolescente, pela incipiência própria do processo de amadurecimento, faz solicitações inconscientes aos cuidadores por amparo e acolhimento. Isso foi explicitado por Winnicott (1975) quando compreende o papel dos cuidadores dentro de um *holding*, como uma intervenção que 'faça borda', delimite a experiência subjetiva do adolescente, auxiliando-o na metabolização dos aspectos da vida, segundo a dependência própria do período em que o sujeito se encontra.

Urribarri (2002) destaca que a adolescência põe em relevo os caminhos constitutivos da estruturação do adolescente, escancarando tanto os pontos fortes quanto as fragilidades, aquilo que Marty (2008) vai compreender como as fragilidades narcísicas. Temos então que a passagem pela adolescência que é destacada na *fanfic* em questão faz emergir as dificuldades que a personagem percebe no ambiente familiar, sem pontos evidentes (ao menos nesse excerto) de outras identificações que pudessem funcionar como ponto de amparo e/ou ancoragem para ela. Como nesse relato de uma fanfic:

“A dinâmica familiar era conturbada, com segredos guardados e ressentimentos acumulados. O ambiente em casa era opressor, e eu me sentia sufocada pela falta de harmonia e compreensão entre os membros da minha família [...] As relações familiares eram complicadas e cheias de conflitos não resolvidos. A falta de diálogo e a ausência de apoio emocional tornavam difícil lidar com os problemas familiares que surgiam.”

3.3.14.A escrita da fanfic como compartilhamento de experiências, autoconhecimento e terapia

Alguns respondentes caracterizam a escrita como uma forma de apoio via compartilhamento das experiências. Segundo Marty (2012) diante da destrutividade e risco a que o adolescente muitas vezes se vê, ele busca saídas inconscientes para organização dessa angústia que o invade. Nos ocorrem duas possibilidades sobre a escrita: que ela tenha sido suporte, primeiro ao sujeito através da elaboração de conflitos que podem ter sido experienciado em casa, e segundo pela possibilidade de ter seu sofrimento legitimado e reconhecido pelo outro. Rassial (1999) destaca a importância do outro para o adolescente como aquele que consegue devolver ao jovem uma imagem mais humanizada, integrada de seu sofrimento. Aqui levantamos a hipótese de o escritor da *fanfic* nem sequer saber que está representando os conflitos provenientes de sua história familiar, e assim as fanfics funcionariam como

primeiros anteparos a uma representação, um dispositivo que permitisse essa impressão de traços de representação (Kuppermann, 2012).

3.3.15. As relações sociais, os grupos e sua relação com as fanfics

A categoria das relações sociais sugere para aquele que deseja pensar a adolescência a partir da psicanálise reflexões sobre o lugar do outro na constituição do psiquismo, sobre os conceitos de identidade e suas relações com o laço social e sobretudo nas contribuições do entorno primeiro, os cuidadores, e como o adolescente empreende sua caminhada rumo à vida adulta.

O processo de constituição se faz importante no âmbito deste estudo por investigar fenômenos grupais, a identificação, que servirá para pensar a relação entre o adolescente-escritor e seus personagens enquanto fragmentos deste, e dos possíveis temas a serem ilustrados, narrados, representados e por fim simbolizados sob a rubrica de uma ficção. Aventa-se aqui a possibilidade que a repressão sofra um enfraquecimento, deixando vir à consciência material recalcado. Tal como no sonho, essas fantasias adquirem gratificação pelo visual, no caso do sonho, e pelas imagens transcritas/descritas, no caso da *fanfic*. Assim, o conteúdo manifesto da *fanfic* é fruto de uma experiência consciente que recobriria sua gênese pulsional. O sonho se dá pela prevalência do processo primário do pensamento em que há predomínio das imagens visuais. Nos escritores, parece-nos que o processo imaginativo seria em vigília e com predominância da elaboração secundária, conforme explicitado por Laplanche e Pontalis (1970).

"Ao longo dos anos, percebi que muitas das minhas

características foram moldadas pelas experiências que vivi. A terapia me ajudou a entender como essas experiências influenciaram na formação do meu eu."

"Conforme vou explorando meu passado na terapia, começo a compreender melhor como minha infância e minhas relações moldaram quem sou hoje. É como se eu estivesse descobrindo camadas mais profundas da minha própria identidade."

"Estou descobrindo como minha história de vida, minhas escolhas e minhas emoções se entrelaçam para formar a pessoa que sou agora."

3.3.16. As fanfics como forma de autoconhecimento

Agrupamos temas surgidos nas fanfics que dizem respeito ao autoconhecimento. Nesta categoria apareceram temas a respeito da terapia e seu funcionamento, sobre insegurança e traumas emocionais. Como nesse exemplo:

"Meu passado era marcado por eventos dolorosos que deixaram cicatrizes profundas em minha mente. Traumas que eu carregava como um fardo pesado, afetando minha autoestima e minha capacidade de confiar nas pessoas ao meu redor."

A passagem faz referência a eventos que são compreendidos como problemas que possuem influência sobre a vida do personagem. Ele elenca as dificuldades oriundas de situações que não são descritas, mas postas sob a rubrica do 'trauma'. De igual forma, aparece o caráter de exacerbação que era característico dessas lembranças:

"A lembrança daqueles momentos traumáticos assombrava meus pensamentos, como se estivessem sempre à espreita, prontos para me engolir em um mar de angústia e medo."

Ainda na mesma história, com tons bastantes realísticos, a narração segue dizendo que:

"Os traumas do passado eram como sombras persistentes, sempre presentes em minha mente. Eles me atormentavam, despertando sentimentos de tristeza, raiva e desespero."

Evocamos nesse trecho a compreensão freudiana de melancolia para falar da perda e da sombra do objeto que recai sobre o eu (Freud, 1917). Neste caso, a sombra se mostra por essa persistência a que a personagem se refere, incapacitando-a de elaborar a perda e integrar as vivências.

Compreendemos que o trauma no contexto dessa história aponta para uma perda sentida como irreparável; ela assume o caráter insistente que retorna de forma ruminante; isso sugere uma impossibilidade de representação e elaboração desse material conflitivo. Podemos nos perguntar se essa repetição pode ser entendida como uma repetição que solicita uma saída pela via da elaboração ou assume o caráter das neuroses de guerra tratadas por Freud (1920).

Neste sentido, o que poderia a narrativização exercer de possibilidade para contornar e nomear emoções, afetos e estados internos que de outra forma só encontrariam expressão pela via sintomática-somática? “A repetição, assim entendida, nos diz sobre sua capacidade de fazer funcionar o simbólico [...] de fazer do desejo motor da capacidade dos sujeitos de se conectarem e reconectarem a objetos. (Almeida & Atallah, 2007, p.208).

3.3.17. Como a terapia é narrada – a transferência com o adolescente

A terapia, conforme narrada *nas fanfics* desempenha um papel importante nas histórias. Ela é retratada como uma ferramenta essencial que os protagonistas possam lidar com seus problemas emocionais, traumas e comportamentos autodestrutivos relacionados à cleptomania, violência, abusos, perdas amorosas ou problemas familiares. A terapia é vista como um caminho para a cura, autoconhecimento e crescimento pessoal.

Ao longo dos capítulos, os protagonistas iniciam nas histórias seus processos de terapia e a figura do terapeuta assume funções de apoio e orientação. A terapia é mostrada como um espaço seguro onde a/o protagonista podem expressar seus pensamentos, emoções e conflitos internos. Eles são encorajados a explorarem suas experiências passadas, traumas e padrões de comportamento, visando compreender e superar suas dificuldades. A seguir, um trecho ilustra a percepção de uma personagem a respeito da terapia/função do terapeuta:

“Durante as sessões de terapia, a psicóloga me encorajava a falar sobre meus sentimentos mais profundos. Ela me ouvia atentamente, sem julgamentos, oferecendo um espaço seguro para que eu pudesse desabafar. Suas palavras eram como uma bússola [...] ela me ajudava a desvendar as camadas de emoções que eu mantinha escondidas, incentivando-me a confrontar meus medos e traumas passados.”

A terapia é retratada como um processo gradual, em que nela os personagens vão ganhando insights, aprendendo a lidar com suas emoções e desenvolvendo estratégias para enfrentar seus desafios. É notória em todas as histórias a esperança de uma transformação positiva na vida da personagem. Poderíamos pensar sobre os aspectos transferenciais envolvidos, uma vez que há diversos comportamentos dos personagens em relação ao terapeuta. Há transferências negativas, com predomínio de afetos hostis, bem como transferências eróticas, como se segue no exceto abaixo:

"Às vezes, quando estou sentada em sua sala, conversando sobre minha vida e meus problemas, sinto algo diferente. É como se houvesse uma conexão além do profissional, uma energia que nos envolve. Seus olhos penetrantes e seu sorriso gentil me deixam com um formigamento na pele, e eu me pego desejando que a consulta seja mais do que apenas uma terapia."

É importante ressaltar que esses sentimentos são mencionados mais como uma fantasia ou desejo pessoal da personagem, e não necessariamente resultam em uma relação romântica entre eles. A história mantém um foco principal na abordagem

profissional e terapêutica entre o terapeuta e seus pacientes. A abordagem terapêutica nas histórias enfatiza a importância da escuta ativa, empatia e apoio emocional por parte dos terapeutas. A terapia é vista como uma jornada de autoconhecimento e autodescoberta, na qual a protagonista é incentivada a confrontar seus medos, desafiar seus padrões de pensamento e buscar uma vida mais saudável e equilibrada.

Em uma narrativa de sentimento sexualizado numa história entre paciente e terapeuta remete-nos a pensar nos aspectos transferenciais e contratransferenciais envolvidos no atendimento de adolescentes. A presença do analista fomenta o aparecimento de fantasias sexualizadas, que podem também ser interpretadas como uma tentativa de abortar o processo terapêutico pela via do tirar o terapeuta da função exercida. Como nesse relato de história:

"À medida que as sessões avançam, eu me pego cada vez mais atraída por ele. Seu jeito atencioso, sua inteligência e sua presença me encantam. Eu sei que é errado, que devemos manter uma relação profissional, mas é difícil resistir. Meu coração bate mais rápido toda vez que entro em sua sala, e eu me pergunto se ele sente o mesmo."

Rassial (1999) falando a respeito da transferência com adolescentes destaca que ela não deve ser nem conluio para o adolescente, nem distante a ponto de fazer o adolescente tomar o analista como um a serviço dos pais. Essa linha tênue que envolve a transferência com adolescentes ainda conta com uma interferência a mais: o lugar dos pais no tratamento.

A transferência será sempre atravessada pelo papel dos cuidadores, que em geral são as pessoas que conduzem os adolescentes ao trabalho terapêutico. Uma primeira dificuldade encontrada e que não aparece nas histórias é o papel da família como auxiliares nos processos terapêuticos. Isso sugere que os adolescentes sentem a vinculação com o terapeuta sem grandes interferências (que neste caso são os cuidadores) externas, ou há uma ausência desta conduzindo o personagem até o terapeuta.

3.3.18. Um mundo interior – um retorno para dentro

Aparece nas histórias aspectos que denunciam a existência de uma vida mental interiorizada, com a localização da fonte de sofrimento a partir dela. Isso pode muito bem ser ilustrado no trecho abaixo:

“Eu me sentia perdida, como se estivesse presa em um labirinto sem saída. A solidão me consumia, a angústia existencial me sufocava. Foi quando decidi buscar ajuda terapêutica, em busca de respostas para minhas inquietações mais profundas”.

Trechos como esse, sugerem a percepção dos personagens dirigindo a atenção para sua vida mental, com interesse nisso que ocorre no mundo interno; vale destacar que essa percepção ocorreu em todas as histórias selecionadas. Isso nos sugere que a escrita desses adolescentes pode ter função de reflexividade, tal como postulada por Roussillon (2019) uma vez que aponta para o ver, o pensar, o sentir e

o transcrever dessa vida mental por meio de representações, alegorias, metáforas ou a descrição do personagem.

Pensando em termos de representação, a linguagem é constituída por redes de representações que se encontram associadas. Elas são representantes das pulsões (Garcia-Roza, 1998). Assim, historicizar é fazer um tecido com as representações, imagens, emoções e sensações, que reinvestidas, podem resultar de desprazer pelo excesso que provoca (Uchitel, 1997). É fazer nomeação do que ficou fora da cadeia simbólica, do que escapa e precisa de descarga.

Isso se constitui importante para compreensão dos sentidos que podem ser veiculados juntamente com as fanfics, com suas reformulações, lacunas, lapsos e atos falhos. Por considerar o texto da fanfic como o texto de um sonho, a narrativa torna-se objeto de análise enquanto portadora das mesmas possibilidades empregadas na decifração do sonho.

Como destacado por Macedo (2008) a própria constituição do aparelho de linguagem recebe a função de dar significados, de criar novos significados e fazer efeito neste sujeito. As fanfics carregam em suas linhas mais do que somente ficções sobre outrem; elas veiculam, segundo nossa hipótese, as fantasias inconscientes, os devaneios e possibilitam, pela via do aparelho de linguagem (neste caso escrito) uma descarga que não opere pela via das lacunas, e portanto, do ato. Vemos nas histórias a exposição dos estados mentais dos personagens, o que nos leva a considerar o quanto do psiquismo do autor está revelado pelas narrativas.

Levy (2022) discute a escrita de diários por adolescentes. Ele destaca que a consequência de uma escrita em diário é a condução do sujeito para sua interioridade,

um voltar-se para o mundo interno com suas fantasias, projeções, idealizações, etc. Levantamos a hipótese de que semelhantemente, a *fanfic* tenha como um desdobramento possível a utilidade de interiorizar o escritor, conduzindo-o a uma especulação sobre seus estados internos, e sobre a representação que retem de si. Esta, certamente será depositada sobre um ou vários personagens, de forma que estes representarão “frações” do escritor.

Como na história da *fanfic Love N therapy* a personagem declara que:

“A vulnerabilidade emocional era um território desconhecido para mim, mas eu sabia que precisava explorá-lo. A terapia se tornou um ponto de partida para minha jornada de autodescoberta. A busca por ajuda terapêutica foi um passo corajoso em direção ao entendimento de meu mundo interior.”

Este excerto nos possibilita visualizar tanto a compreensão da existência de um mundo interior, quanto o desejo de fazer essa interiorização, bem como o entendimento que há uma queixa a ser posta a um outro, que ela nomeia como vulnerabilidade. Há uma questão inicial que perturba a personagem, que a leva a indagar-se sobre qual espaço poderia ser utilizado para ‘olhar para dentro’, elegendo a terapia como este *lócus*.

3.3.19. De quem é a terapia? a demanda de análise na adolescência

Aqui é importante reportar uma questão crucial no trabalho com adolescentes, que é a demanda por análise. Muitas vezes os adolescentes são conduzidos à terapia por outro sujeito, em geral seus cuidadores, que sinalizam ao profissional as preocupações que os colocam em contato com a terapia. O adolescente, por vezes, não formula tal queixa, sendo necessário ao clínico manejo no oferecimento de um espaço acolhedor e seguro para manifestação das inquietações do próprio adolescente até a criação de uma demanda de trabalho que seja própria da díade adolescente-analista(terapeuta). Farias (1997) debate o lugar dos pais no tratamento dos filhos e a separação entre as demandas trazidas pelos pais e a demanda criada pelo próprio adolescente, assim como os encaminhamentos que ser farão necessários tanto à questão inicial dos pais, quanto da levantada pelo sujeito analisante.

Levy (2022) aponta que a adolescência é marcada pela perda dos referenciais que até então eram vigentes. Essa visão pode muito bem ser ilustrada nos trechos de várias histórias, como:

“Tudo parecia ter mudado de repente. Aquilo que eu conhecia como minha vida agora parecia estranho e desconhecido. Me sentia perdida, como se tivesse perdido o rumo. Era como se todas as certezas que eu tinha desmoronassem diante de mim.”

Em outra *fanfic* a personagem afirma que:

“A sensação de perda se instalou em meu peito, como se um pedaço importante de mim tivesse sido arrancado. Tudo o que eu conhecia se desfez e agora me encontro diante de um vazio, sem saber como preenchê-lo. A incerteza do futuro me assombra.”

Levy (2022) aponta que na adolescência há uma falência dos sistemas de representação que a criança usava até então, sendo necessária uma operação de construção de novas representações. Assim, ele compreende a adolescência como este grande processo de simbolização em que é requerido do adolescente o estabelecimento de novas representações de si, para si e para o lugar que ele ocupa diante do Outro.

Os dois trechos que se seguem apontam para a perda dessas representações de si, e a necessidade de criar novas, que mantenham inclusive a estabilidade narcísica do sujeito.

“As coisas mudaram de uma forma que eu jamais poderia imaginar. O que antes era claro e definido agora parece turvo e confuso. Me sinto perdido em meio a tantas mudanças, sem saber como lidar com essa nova realidade que se apresenta diante de mim”.

Em outra *fanfic* o trecho sugere a entrada na adolescência com seu corolário, que é o excesso pulsional que neste caso só foi possível de ser expresso por meio da representação metafórica da Tempestade (inesperada, forte, caótica, amedrontadora, ansiogênica, desorientadora e com possibilidade de destruição).

Destaco que a compreensão da figura da tempestade é uma dedução a partir de inferências retiradas da *fanfic* em questão:

“Uma tempestade de mudanças varreu minha vida, deixando-me desorientado. Aquilo que eu acreditava ser estável e seguro se transformou em caos. Me sinto perdido, tentando encontrar meu lugar nessa nova realidade que se revelou”.

O trecho apresentado nos possibilita visualizar o que diversos autores debatem a respeito da adolescência enquanto: Levy (2022) apontando a perda das representações de si, Rassial (1999) apontando para o abalo da imagem do eu que o estabilizava, Winnicott (1999) com o medo do colapso, Jeammet (2005) com testagem das bases narcísicas e Cardoso (2017) com os excessos pulsionais.

É discutido por Levy (2022), Marty (2008) e Brasil et al (2015) que a adolescência requisita do sujeito uma reorganização da própria subjetividade diante das mudanças internas, da mudança da vida pulsional. Essa reorganização é sentida então como um momento de confusão por muitos adolescentes, conforme o trecho que se segue:

“Tudo parecia ter mudado de repente. Aquilo que eu conhecia como minha vida agora parecia estranho e desconhecido. Me sentia perdida, como se tivesse perdido o rumo. Era como se todas as certezas que eu tinha desmoronassem diante de mim.”

Compreende-se que essa estranheza nomeada como ‘de repente’ assume, para alguns sujeitos, o caráter traumático por exceder a capacidade de representação. Ela provoca uma descontinuidade na forma como a criança percebia

a si e sua relação com o mundo (Jeammet, 2005), atravessada agora pelas ansiedades, perplexidades relativas ao novo corpo e pulsões novas a agir neste corpo em transformação (Levy, 2022).

A perda dos pais da infância do corpo infantil e a entrada no processo de adolescência é sentida por alguns sujeitos como sendo ameaçadora. É uma ameaça de aniquilamento (Celeri, 2005). Antes de apresentar os trechos, faz-se necessário esclarecer que, dada a relevância e frequência que apareceram, achamos importante ilustrar com excertos de várias histórias diferentes, pela riqueza que eles representam. A seguir, portanto, trechos das *fanfics* que ilustram esta sensação de ameaça ao próprio self:

"Ao olhar para o espelho, eu não me reconhecia mais. Parecia que minha identidade havia sido diluída, como se eu tivesse me perdido no meio do caminho. Quem eu era antes e quem sou agora parecem duas pessoas diferentes."

"Eu me sentia como se estivesse desaparecendo aos poucos. Minha identidade parecia desvanecer, como se eu estivesse me diluindo no mundo ao meu redor. Quem eu era e quem sou agora se misturam, e sinto uma angústia profunda."

"Eu costumava ter uma noção clara de quem eu era, mas agora essa certeza se esvaiu. Minha identidade parece ter sido ameaçada, como se eu estivesse perdendo a essência do meu ser. É como se eu estivesse me tornando uma versão desconhecida de mim mesmo."

"As mudanças que ocorreram em minha vida me fizeram questionar minha própria identidade. Quem eu pensava que era e quem me tornei são como dois mundos diferentes. Sinto uma sensação de perda, como se minha identidade estivesse se desfazendo."

Os quatro excertos desvelam um tipo de angústia que foi nomeada por Winnicott (1956/2000) como agonias impensáveis. É importante destacar que em duas obras o autor cita esta sensação/experiência, uma destacando o excesso de reações ao que ameaça a continuidade do ser, e em outro quando ele discute que, diferente do medo da castração, o bebê temeria a própria aniquilação do si (1963b, 1994).

Apresenta-se no texto narrativizado, medos que se referem à diluição de si, a uma perda tal que parece se desfazer (o sujeito), um estranhamento e desconhecimento de si, sensação de desaparecimento, perda da essência. Os trechos sugerem que os adolescentes sentem que a entrada na adolescência promoveu alguns danos na forma como percebiam a si próprios, apontando para o medo de certa descontinuidade.

Jeammet (2005) discute a testagem às bases narcísicas que ocorre no período da adolescência. Para ele a adolescência põe em relevo a qualidade dos vínculos que foram estabelecidos durante o período da tenra infância, no jogo de experiências entre a mãe e o bebê. Assim, neste momento de remanejamentos pulsionais, com a entrada de novos objetos no campo do interesse do adolescente e as novas exigências que lhe são requeridas, o processo de individuação e autonomia conduz o adolescente à dúvida sobre a qualidade do vínculo consigo (aqui entra o

autoerotismo remontado à infância), bem como o vínculo com o outro, que faz referência a interação mãe-bebê ou criança/outro. O sentimento de continuidade é corolário das bases narcísicas, sendo estas o sustentáculo necessário contra a ansiedade de aniquilação.

Compreender a importância dos aspectos constitucionais é relevante uma vez que nos possibilita pensar sobre o papel da escrita enquanto recurso às lacunas no próprio processo de memória, recurso como canalizador de conflitos e emoções, e como cada adolescente faz deste recurso algo particular, atribuindo-lhe função diversa, conforme já citado.

Meltzer (2017) discute sobre os estados ansiogênicos surgidos com o fracasso da fantasia de onipotência e onisciência dos pais. A esse respeito, nas histórias ficou bastante evidente que a dinâmica de individuação foi marcada por ansiedades de separação, angústias intensas e sofrimento. Segue-se alguns trechos ilustrativos:

“A separação dos meus pais mudou tudo. Eu me sentia desconectado da minha família, como se não pertencesse mais a ela. Era um período de adaptação e luta para encontrar meu lugar sem aquele suporte familiar.”

Podemos supor que durante esse momento em que entram novos interesses no “campo de visão” do adolescente, este sente que voltar-se para estes interesses represente deixar de ser membro dessa família.

Em outra história a personagem faz referência a esse momento como um enfraquecimento do laço com a família. Winnicott (1956/2000) aponta para a

vinculação como dando suporte para a continuidade do ser, e que perturbações nessa dinâmica mãe-bebê podem ser sentidas como evasões ou intrusões do objeto.

"A separação dos meus pais me deixou devastada. Senti que minha família se desfez e me vi distante dos laços que antes eram fortes. Precisava enfrentar o vazio emocional e aprender a reconstruir minha vida."

A tônica dessa passagem recai sobre a dúvida em relação a robustez do vínculo entre ela e a família, sendo representada como uma ameaça de destruição do próprio sistema familiar. Uma maior autonomia e mudanças na identidade, ansiedades relativas ao novo corpo e a solidão podem ser sensações experimentadas nesse período como respostas a indagação a respeito da qualidade do vínculo familiar (Levy, 2022).

No trecho que segue lemos sobre a percepção em relação ao período de ganho de autonomia que o adolescente recebeu. Neste caso ela foi sentida como um desamparo:

"Eu me sentia afastado da minha família, sem o suporte emocional que costumava ter. Precisava lidar com essa dor e encontrar meu próprio caminho."

De acordo com Kancyper (1999), a culpa, o ressentimento e o medo são fatores que frequentemente contribuem para a dificuldade do adolescente em assumir seu próprio desejo e construir seu projeto a partir de suas escolhas. A diferenciação em relação às expectativas dos pais desperta sentimentos e angústias complexas de serem elaboradas, representando uma ameaça à estabilidade dos sistemas

narcisistas tanto do filho quanto dos pais. Essa situação deriva da necessária separação do adolescente em relação ao que antes era um porto seguro, bem como o distanciamento das referências parentais. A construção de seus próprios projetos e ideais é uma tarefa sentida como desafiadora e dolorosa, porém indispensável para alcançar a autonomia e uma identidade diferenciada em relação ao outro.

Knobel e Aberastury (1992), assim como Levisky (1998), discutem esse processo de distanciamento dos pais enquanto referenciais para os filhos. Da perspectiva dos filhos, é necessário a elaboração do luto infantil e da elaboração da identidade infantil, que sofrendo de desconstruções e fraturas, precisará fazer nova remontagem para que haja um sujeito que não tenha se perdido no processo. Sobre isso, Brasil et al. (2015) discutem o desafio do adolescente em se constituir um ser diferenciado dos pais, com perspectivas próprias e desejo próprio, e ainda assim não se perder enquanto unidade psíquica, não perder a identificação/representação de si enquanto um sujeito com história.

Quando há perturbações na elaboração desses lutos, que antes de tudo é constituída por representar, simbolizar para então chegar ao seu estágio de elaboração, o adolescente utilizará defesas narcísicas para tentar manter a unidade de si (Levy, 2022). Essas defesas são usadas para compensar as falhas no processo de subjetivação. A não efetividade delas pode conduzir às patologias que recaem sobre o corpo, como no caso da bulimia, anorexia, etc, ou sobre as relações, como fixações, isolamentos e inibições (Levy, 2022 e Brasil, 2015).

3.3.20 As fanfics na expressão das funções do grupo e da comunidade

O grupo desempenha funções de pertencimento, fonte de identificações e amparo aos adolescentes. O sentimento de solidão encontra sua solução nos grupos criados a fim de que haja interação entre os membros de determinada comunidade. Além disso, a possibilidade de interação entre leitores e escritores, inclusive com feedbacks proporciona a ambos, escritor e leitor, a possibilidade de compartilharem de trocas simbólicas. Foi relatado na resposta à questão aberta sobre a possível interação entre eles. Nas histórias o sentimento de solidão foi relatado, conforme segue:

"A solidão me consumia, como se eu estivesse perdido em um mundo vazio. Eu ansiava por conexões verdadeiras e por alguém que entendesse o que eu estava passando."

"A solidão era minha companheira constante, mesmo cercado por pessoas. Eu sentia um vazio dentro de mim, como se algo estivesse faltando."

"A solidão me engolia, e eu me via preso em pensamentos sombrios. Desejava ardentemente encontrar alguém com quem compartilhar minhas angústias."

"A solidão era como uma sombra que me seguia em todos os lugares. Eu me sentia perdida e isolada, desejando

desesperadamente uma conexão genuína com alguém."

"A solidão me consumia por dentro, mesmo em meio a tantas pessoas ao meu redor. Eu ansiava por alguém com quem pudesse compartilhar minha verdadeira essência."

Os trechos elencados sugerem que os personagens são afetados por intenso sofrimento e sentem-se sozinhos, como desamparados, e buscam por relações que sintam que é significativa. Isso foi discutido por Levy (2022) quando aponta o isolamento como uma saída sintomática diante da fixação. Segundo esse autor, a sociedade vive uma situação de não conseguir dar continência simbólica aos adolescentes, e dessa forma a solidão é sentida e a tentativa de mitigar essa sensação é pela via da exposição do corpo, das atuações voltadas ao corpo e da hiper sexualização.

De igual forma, o papel dos amigos é ressaltado nas *fanfic* como uma forma de compartilhamento do sofrimento, com a conseqüente identificação com pessoas que os compreende. Eles expressam as dificuldades que são sentidas como traumáticas no espaço do grupo. Este oferece a eles uma experiência comum compartilhada como formas de lidar com a solidão, o desamparo e a ausência de figuras identitárias e protetoras. Assim vemos nas *fanfics*:

"Meus amigos sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me nos momentos difíceis. Eles eram minha força e me lembravam que eu não estava sozinho."

"Meus amigos eram minha âncora, meu refúgio seguro. Com eles, eu podia ser eu mesmo, sem julgamentos, e isso significava o mundo para mim."

"Meus amigos eram como uma família para mim. Eles me apoiavam nos momentos difíceis e celebravam comigo nas conquistas. Eu era grato por tê-los ao meu lado."

"Meus amigos eram meu porto seguro. Eles me entendiam e me ajudavam a enfrentar meus medos e inseguranças. Sem eles, eu me sentiria perdida."

"Meus amigos eram minha fortaleza. Compartilhávamos risadas, histórias e momentos especiais juntos. Eles me lembravam que eu era amado e valorizado."

Nas histórias narradas os personagens sofrem pela falta de compreensão, apoio e sentem-se sem suporte emocional. As amizades tornam-se o grupo que oferta uma escuta que é partilhada, na qual há uma inter-ação (e aqui brincarei com o termo para fazer coincidir tanto o aspecto do encontro com o outro, quanto a escuta ativa deste que sofre. Não é uma escuta que não devolve nada metabolizado. Não é uma interação sem intervenção.

Ainda que a ajuda fosse mínima do ponto de vista concreto, havia uma ação intencional em curso, o que era entendido com um cuidado. O grupo fornece ao adolescente a possibilidade do encontro com o Outro, com a alteridade. Por meio dos *famdons*, nas trocas que são realizadas, estas "exige um trabalho subjetivo por parte do jovem – de reconhecimento do seu lugar e das suas possibilidades de ação no

universo social do qual faz parte.” (Coutinho & Rocha ,2007, p.75).

O grupo favorece a expansão das potencialidades do adolescente enquanto usuário da cultura e dos objetos desta, e nesse entremeio ele depara-se com o binômio separação-indivuação, como já posto neste trabalho anteriormente. Assim, a participação do adolescente nestes grupos e fóruns de discussões pode ser compreendido como uma oportunidade também para o exercício da autonomia, da apropriação subjetiva de si por meio da elaboração da dependência, da falta do outro e da compreensão da inscrição deste na cultura, conforme apontado nos trabalhos de Coutinho e Rocha (2007), bem como nos de Winnicott (1962/2001) e Costa(2004).

3.3.21 As fanfics e a sexualidade

O despertar da sexualidade e as consequências dessa percepção foram elencadas nas narrativas. São numerosíssimos os exemplos e apareceram em todas as fanfics, o que nos leva a considerar a importância dada a sexualidade e os efeitos que ela provoca na vida dos indivíduos.

“Aos poucos, comecei a me abrir sobre minha sexualidade durante as sessões de terapia. Falar sobre minhas dúvidas e angústias relacionadas a isso tem sido libertador.”

"Durante as sessões de terapia, discutimos abertamente sobre minha sexualidade e como ela afeta minha vida emocional e os relacionamentos que tenho."

"Em terapia, percebo como minha sexualidade minha influência no relacionamento com os outros e minha autoimagem. É um

tópico que abordo de forma honesta e sem julgamentos."

Esses trechos mostram que a sexualidade é um tema presente nas histórias, e os personagens buscam explorar e compreender sua orientação sexual, desejos e identidade nesse aspecto. Desde Freud (1905) a sexualidade tem sido pensada como estruturante da vida psíquica. A puberdade inicia um instante de reencontrar o objeto sexual, ou seja, uma a assunção de uma posição sexuada. Há consequências psíquicas da condição que descende da diferença anatômica dos sexos.

Nos *Três Ensaio*s Freud aborda as transformações ocorridas na puberdade como dando forma final à sexualidade. Ou seja, um momento de passagem da 'organização sexual infantil' à forma final dessa organização, o que pressupõe o reencontro com o objeto sexual e suas consequências. Pelos excertos, vemos que diante do reencontro a terapia auxiliou nos questionamentos a respeito de si, e talvez da pergunta sobre "o que quer o outro?". Fazer a transição entre os investimentos narcísicos aos objetos é uma caminhada que pode ser percebida como angustiante para alguns adolescentes. O reposicionamento do sujeito diante do outro impõe a reflexão das fronteiras de si, da visão e representação de si para si e para o outro.

A teoria das relações objetais de Klein (1986) nos permite pensar sobre o que é evocado no encontro com o outro, tanto na dimensão da concretude quando no plano fantasmático. Com a diferença anatômica dos sexos, pensada a partir de Freud, a questão da sexualidade como uma estrutura sobre a qual a vida anímica vai se constituindo tem sido debatida, principalmente com relação as fantasias sexuais da primeira infância e a construção de uma fantasia sobre a relação entre os sexos.

Quando a sexualidade é citada nas fanfics, ela sempre está ligada ao fato de que há a percepção da falta, da incompletude, da passividade, do encontro com um objeto fugidio. Autores como Marty (2008) e Rassial (1999) discutem que a entrada

na puberdade faz surgir efeitos psíquicos, e que esse processo de genitalização produz angustias relativas à potência diante de um corpo 'diferente' em termos de possibilidades, como as de reprodução, conquista e produção.

A entrada na sexualidade genitalizada e a possibilidade de escolha amorosa aparecem como angustias retratadas nas narrativas. Isso parece nos sugerir que passar de um autoerotismo à uma escolha de objeto amorosa interpela o sujeito tanto em sua própria representação de si, quanto há um desvelamento das fragilidades quanto ao narcisismo. Sobre a escolha amorosa de adolescentes consideramos que as produções ainda se fazem poucas, uma vez que muito se enfoca as dificuldades e perturbações no percurso infância-vida adulta.

Ainda sobre a sexualidade, Gomes e Amparo (2022) destacam o corpo como invólucro do psiquismo, fazendo a contenção e limite entre o externo e interno. Disso podemos considerar as manifestações somáticas descritas nas fanfics, como excitações, ruborizações e posturas como uma expressão do mundo interno. A pele e o corpo como um todo seriam tela para essa projeção de afetos e estados mentais.

Outra importante contribuição das referidas autoras é o debate a respeito da expressividade de traços no corpo, neste caso tatuagens, e principalmente na função dadas as marcas corporais para a expansão da fala e entrada na narratividade da história dos adolescentes (Gomes e Amparo, 2022). Isso nos possibilita pensar nas inúmeras modificações ou adaptações possíveis no dispositivo analítico que podem ser realizadas com vistas a dar acesso ao inconsciente e possibilitar ao clínico rico material.

3.3.22 As fanfics e a simbolização

Considerando-se que a adolescência é um momento de passagem do infantil ao adulto, em que é requisitado do adolescente a construção de novos modos de representação que deem conta do novo corpo e das novas demandas, e pelo trabalho psíquico que se desenrola em função dos diversos lutos envolvidos no processo de separação-individuação-autonomização, Levy (2022) considera o próprio processo de “adolescer” como sendo uma grande simbolização. Assim, o que a adolescência proporciona é da ordem de um trabalho de representação dos aspectos infantis, criação de novas representações a partir de modificações no corpo e nas relações e a inserção deste sujeito numa sexualidade agora genitalizada e que o organiza a partir da assunção da diferença e da alteridade.

Gomes e Amparo (2022) compreendem o corpo como possível palco para expressar afetos e elementos do mundo psíquico, e por isso mesmo o lugar das transformações do corpo ocupam tanta relevância para pensar os desdobramentos psíquicos advindos do descompasso entre as modificações corporais e própria representação de corpo e de si presentes na adolescência. Pensada desta forma, na adolescência, quando há o suporte ao sujeito adolescente, há a possibilidade de desenlace das dificuldades que podem perturbar em termos de transtornos mentais graves.

Nas fanfics foram destacadas em diversos momentos a necessidade de desvencilhar-se dos problemas por meio da ajuda terapêutica e do suporte oferecido pelo meio ambiente imediato dos personagens. Foram destacados alguns trechos que ilustram, conforme segue:

"Apesar dos obstáculos, eu estava determinado a superar minhas limitações. A terapia me ajudava a encontrar forças dentro de mim que eu nem sabia que existiam."

Aqui observa-se a compreensão do adolescente a respeito da necessidade de ajuda profissional, e seu posicionamento diante do processo terapêutico, que é de continuar o processo por notar que há questões a serem trabalhadas e que já é possível notar mudanças.

"Eu me recusava a deixar meu passado me definir. Estava determinado a superar meus traumas e construir uma vida melhor para mim mesmo."

"Aos poucos, fui aprendendo a me perdoar e a me amar novamente. A jornada de superação era desafiadora, mas eu estava determinado a vencer."

"Eu estava cansada de deixar meus medos me controlarem. Decidi que era hora de enfrentá-los de frente e buscar a superação que tanto almejava."

"Eu me comprometi a superar meus bloqueios emocionais e a me abrir para uma nova experiência de amor e intimidade."

Observa-se que os personagens possuem motivação para continuar o tratamento iniciado, o que denota que há uma transferência em curso e que há o reconhecimento do benefício provocado pelo tratamento.

Nos trechos abaixo é possível perceber outras percepções do processo terapêutico e dos benefícios alcançados:

"Aos poucos, os traumas do passado foram perdendo força. A terapia me ajudou a encontrar maneiras saudáveis de lidar com as memórias dolorosas e seguir em frente."

Esta passagem da história sugere que, em termos metapsicológicos, há um desinvestimento quanto ao sofrimento. Podemos levantar a hipótese que haja um processo de luto, já que se refere a memórias dolorosas, e que estas estão se amenizadas. Freud (1916) enfatizou o retorno das catexias ao eu por ocasião do processo de luto. A transformação do evento doloroso em memórias é consequência da transformação de afetos em estado bruto em representações, e destas em símbolos, que podem ser, assim, elaborados. Uma vez tendo sido elaborados, o afeto que lhes corresponde provavelmente foi ab-reagido, sobrando somente o traço de memória do evento.

"Embora os traumas ainda estivessem presentes em minha mente, aprendi a não deixar que eles me definissem. Cada dia era uma oportunidade de deixar o passado para trás."

"Com o tempo, percebi que não precisava esquecer

completamente os traumas, mas sim aprender a conviver com eles de uma maneira saudável. Aceitar o passado foi um passo importante para seguir em frente."

"Aos poucos, fui me libertando dos fardos do passado. A terapia me ensinou a enfrentar meus traumas de frente e a construir um futuro mais leve e esperançoso."

"Eu descobri que esquecer completamente os traumas era uma tarefa difícil, mas aprendi a não deixar que eles me definissem. Encontrei forças para seguir em frente e construir uma nova história."

Em outro trecho o personagem refere-se a aceitar o passado. Podemos supor que essa aceitação destaca a necessidade de integração das experiências, tendo estas sido elaboradas. Quando a personagem se refere a 'construir um futuro', consideramos que está contida nessa frase tanto planos no sentido concreto, quanto a representação de si. Uma vez retornada ao ego as catexias, elas encontram-se disponíveis para novos investimentos. Essa possibilidade é acessada pela via da simbolização e da elaboração dos conflitos e dos excessos, entendidos como traumáticos. Uma vez efetuada a perda e elaborado o luto, o ego tem em si uma modificação que inclua esse saber sobre o trauma e a dor, o que leva não a uma paralisação (aqui teríamos uma inibição) ou um esquecimento.

Nas *fanfics* foi constante as citações de temáticas como superação, sobre o esquecimento dos traumas e a respeito da canalização do trauma. Embora citemos

de forma separada, os três tipos de citação pertencem ao mesmo núcleo de sentido que é o efeito da representação. Os trechos que se seguirão foram extraídos todos de diversas histórias. Assim, houve a pretensão de expor a riqueza de citações que ocorreram sobre o tema representação/simbolização/elaboração, mesmo que os adolescentes não tenham tido contato com a teoria psicanalítica. Desta forma, as fanfics nos dizem:

"Apesar dos obstáculos, eu estava determinado a superar minhas limitações. A terapia me ajudava a encontrar forças dentro de mim que eu nem sabia que existiam."

"Eu me recusava a deixar meu passado me definir. Estava determinado a superar meus traumas e construir uma vida melhor para mim mesmo."

Vorcaro (2003) discute sobre a necessidade de por em palavras como estando no pólo oposto ao do ato. Assim, podemos depreender que a passagem dos afetos em estado bruto, como sensações e tensionamentos internos, ao encontrar palavras que os expressem podem ser representados. A representação é um primeiro processo rumo à elaboração, uma vez que para entrarem na consciência as coisas precisam estar representadas. Para lembrar Freud (1901), ele apontava que na consciência entravam os representantes ideacionais, sendo estes percebidos pela consciência e assim, decodificados. Quando os adolescentes citam que seus personagens percebem a diminuição da tensão interna estão em curso representantes que possibilitam a descarga de afetos e o tratamento a estes estados

emocionais pela via da simbolização, muitas vezes.

"A terapia me ajudou a canalizar meus traumas em uma forma de expressão artística. Pintar se tornou uma maneira de dar voz às minhas experiências dolorosas e encontrar cura."

"Descobri que a massagem é uma forma de canalizar meus traumas. Ao tocar e cuidar do corpo dos outros, consigo trazer alívio não apenas a eles, mas também a mim mesmo."

"Encontrei na escrita uma forma de canalizar meus traumas. Colocar no papel minhas experiências me permite processá-las e transformá-las em algo que possa ajudar outras pessoas."

"A terapia me ensinou a canalizar meus traumas em atividades físicas. A prática regular de exercícios me ajuda a liberar a tensão acumulada e a encontrar equilíbrio emocional."

"A terapia me mostrou que posso canalizar meus traumas por meio da música. Compor e cantar se tornaram uma forma de expressão poderosa, ajudando-me a transformar a dor em algo bonito."

Os trechos elencados ilustram aquilo que Birraux (2012) discute como objetos da cultura. Ela os dispõe em dois polos. Um deles é o polo paterno, que segundo ela,

eles teriam a função de inscrição na civilização; como efeito, o que é da ordem sensorial, ficaria mais afastado, operando então o recalque e a sublimação como mecanismos de acesso a cultura pela via de uma linguagem comum (Amparo et al, 2015). Assim, as fanfics, a escrita, a música, a pintura e os processos de criação fariam parte disso que ela nomeia como objetos da cultura.

Guirado (2006) e Marty (2008) também discutiram os caminhos da violência. Usamos esta como exemplo por ser um tema recorrente em diversas fanfics. Houve registro de agressão a outrem, mas pode-se deduzir uma autoagressão que não é claramente explícita, mas que o leitor consegue depreender das consequências pelas quais os personagens passam. Assim os autores elencam que a violência pode, em alguns casos, ser canalizada para outros polos que não o da ação e, portanto, do agir (aqui podemos elencar comportamentos autolesivos, bulimias, comportamentos disruptivos e impulsivos). Essa canalização dos afetos para algo mediado pela cultura promove, além da possibilidade de inscrição de afetos através das representações de ideias, o compartilhamento de experiências. Há também a possibilidade de reconhecimento da alteridade pelo próprio jogo estabelecido entre os membros de um fandom ou de interessados numa obra e seus respectivos autores.

Por fim nas próprias fanfics aparecem referências ao lugar da escrita na expressividade dos personagens e como recurso para lidar com situações traumáticas, estados ansiosos e outros sofrimentos/ dificuldades. Assim os autores expõem:

"Às vezes, sinto a necessidade de escrever sobre meus sentimentos mais profundos. Coloco todas as minhas angústias e medos no papel, como uma forma de liberar o peso que carrego

dentro de mim."

"Escrever se tornou meu refúgio. Coloco todas as minhas emoções em palavras, como uma forma de processar meus traumas e encontrar algum alívio. É como se a escrita fosse minha terapia particular."

"O terapeuta me encorajou a escrever um diário para registrar meus pensamentos e emoções. Às vezes, é difícil verbalizar tudo, mas a escrita me permite expressar o que está dentro de mim de uma maneira segura."

Esses trechos mostram que a escrita é uma ferramenta terapêutica utilizada pelos personagens para processar seus traumas e emoções. Através da escrita, eles encontram uma forma de se expressar, refletir sobre suas experiências e encontrar algum alívio emocional. Isso é bastante coerente com o que Lemos (2021) destaca a respeito da escrita como tendo capacidade reparadora, com potencial de reconstrução. Opera por meio da escrita a necessidade de um olhar que seja reflexivo, como propõe Roussillon:

Nós temos então uma noção muito simples de três formulações que correspondem, grosso modo, à integração da vida pulsional. Se sentir é aceitar ser afetado pelo representante afeto da pulsão; ser capaz de ver e de se ver é integrar a representação de coisa como, por exemplo, na atividade onírica; ser capaz de ouvir e de se ouvir é integrar a representação de palavra, que Freud define como sendo o terceiro sistema de representação

da pulsão. Logo, um sujeito capaz de se sentir, de se ver e de se ouvir possui um triplo modo de relação consigo mesmo e também é capaz de sentir, ver e ouvir o outro, além de articular estes três sistemas de reflexividade (Roussillon, 2013)

Depreende-se, tanto dos excertos das fanfics, quando da discussão que Roussillon propõe acerca da reflexividade que a escrita de si, como nos casos dos diários, e as fanfics permitem uma atividade que põe em relevo as capacidades de olhar para o mundo interno e que este olhar o autoriza a exercer a reflexividade no campo das relações humanas, numa intersubjetividade.

Bento (2004) destaca que a escrita é compreendida por Lacan ao longo de sua obra como constitutiva do sujeito. Ela assina que a escrita marca uma diferença para aquele sujeito, inscrevendo-o, e que “como linguagem que é, rompe o continuum do mundo e estabelece uma marca que singulariza o que antes era indissociado”. Podemos, então, conceber essa singularização e esse ‘indissociado’ como a apropriação subjetiva, no sentido que Roussillon propõe, de uma tomada de si e das consequências desse efeito sobre o sujeito, e o próprio processo de integração, debatido por diversos autores (citar....) que tem como pano de fundo os processos de simbolização.

3.4 Para concluirmos...

A escrita em plataformas digitais tornou-se parte da rotina dos adolescentes. Chegam aos consultórios as histórias narradas por esses adolescentes nestas plataformas e muitas vezes o clínico não sabe o que fazer com esse material. Dedicamo-nos durante este trabalho a refletir sobre o lugar da fala em psicanálise, da escrita e principalmente da escrita criativa expressa por meio das fanfics e como estas podem ser recursos valiosos em termos de acesso ao inconsciente e à simbolização/elaboração. As fanfics, contendo histórias sobre bandas, mangás e outros personagens, serve de tela para que conteúdos dos escritores possam ser projetados e 're-apresentados' [à consciência]. Tal qual uma tela vazia, os escritores precisam dar contornos as histórias, preencher esses personagens com um mundo interior, que sem perceber, é do autor. Este recobre o personagem com aspectos seus, e toma-os, muitas vezes, como vindos de fora. Assim, conseguem 'visualizar' parte de seus conflitos de forma menos angustiante, e pensarem saídas para esses problemas.

Foram abordados os diversos usos que as fanfics tem, pelo menos para os autores que foram entrevistados nesta pesquisa, e eles vão de simples lazer, até um lugar de exposição do sofrimento em busca de um olhar que os compreenda. Da mesma forma, foram pensadas as funções atribuídas às histórias, que sendo palco da exposição destes conflitos, possuem a potência da representação.

Pensar a produção de um adolescente como uma via de acesso aos seus processos internos e representacionais tem grande importância para o psicanalista, uma vez que, inseridos numa cultura mediada pelo virtual, a psicanálise precisa ajustar seus dispositivos para manter-se pensando o sofrimento que é produzido e

atravessado pelo social. Ter a compreensão da função da escrita como recurso que ao mesmo tempo serve para canalizar afetos e como mediador cultural, permite ao clínico considerar novas intervenções e ter à sua disposição objetos culturais que podem auxiliá-lo no trabalho analítico com esse público-alvo.

A elaboração da adolescência depende das diversas simbolizações a que o adolescente deverá efetuar. A representação é um quesito necessário para que haja possibilidade de simbolização e elaboração dos aspectos traumáticos da adolescência. A travessia por esse período constitui-se num desafio para o próprio adolescente, uma vez que os referenciais que conhecia já não estão mais disponíveis e ele deverá criar novas representações de si, a fim de não perder-se e não ser lançado em estados intensos de angústia.

O recurso virtual é uma realidade que não há quem passe incólume. Desta forma, dispor de meios que fomentem a livre expressão e o acesso à realidade psíquica do adolescente é atravessada por essa virtualidade. Analisamos alguns dos processos envolvidos na escrita publicada nessas plataformas e pudemos relacioná-los com os devaneios, com o brincar e com a atividade dos processos primários e secundários. Por meio da escrita o adolescente-escritor exprime seus afetos e fantasias, e nesse caminho representa e simboliza até mesmo sem o saber. Há, portanto, uma atividade reflexiva que possibilita a elaboração de conteúdos psíquicos. Integrar as novas tecnologias ao conhecimento psicanalítico requer reflexões sobre a prática clínica e como manter a vivacidade da psicanálise, fazendo aquilo que ela sempre fez, que é pensar a cultura, seus atravessamentos na vida mental e como esse conhecimento pode produzir novos dispositivos para quem encontramos nos consultórios.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977
- Birraux, A. (2012). Violência e objetos culturais. In D. M. Amparo, S. Almeida, K. Brasil, M. I. Gandolfo, & F. Marty (Orgs.). *Adolescência e violência: intervenções clínica, Psicossociais e Educativas* (pp. 227-238). Brasília, DF: EdunB/Liber Livros.
- Birman, J. (1999). A Dádiva e o Outro: Sobre o Conceito de Desamparo no Discurso Freudiano. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 9(2), 09-30.
- Bokanowski, T. (2005). Variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático, trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(1), 27-38.
- Brasil. Ministério Da Ação Social. (1990). *Estatuto da criança e do adolescente*. S.N.
- Bento, C. A. (2004). A escrita e o sujeito: uma leitura à luz de Lacan. *Psicologia USP*, 15(1), 195-214.
- Calazans, R., & Bastos, A.. (2010). Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista De Psicologia*, 22(2), 245–256. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>
- Câmara, G. (2011). O trauma, a fantasia e o Édipo. *Cógitto*. 12, 57-61.
- Cardoso, B. C. C., Amparo, D. M., Carneiro, J. B. M., & Silva, C. G. (2022). O enquadre virtual como dispositivo psicanalítico no atendimento online. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56, 195-208.
- Cardoso, M. R. (org.). *Excesso e trauma em Freud: algumas figuras*. Curitiba: Appris, 2017
- Castiel, Sissi Vigil et al. O Modelo do Ato: proposições de André Green para a clínica das não-neuroses. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul: DIAPHORA*, Porto Alegre, v. 7, p. 46-48, jul. 2018. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/163/161> . Acesso em: 01 maio 2023.
- Castro, S. L. S., & Rudge, A. M. (2012). Notas sobre a clínica do trauma. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(1), 81-94.
- Celeri, E. H. R. V. (2005) A mãe devotada e seu bebê. . In: *Revista Viver Mente e Cérebro: Winnicott, os sentidos da realidade*. Coleção Memória da

- Psicanálise. v. 5, ed. especial. São Paulo: Duetto, pp. 28-39.
- Coutinho, L. G., & Rocha, A. P. R.. (2007). Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. *Psicologia Clínica*, 19(2), 71–85. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000200006>
- De Almeida, L.P.; Attallah, R.M.F. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 203- 218, 2008.
- Dolto, F (1990). *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dunker, C. I. L., Chatelard, D.S. &Maesso, M.C. (2017). Formação do Eu, constituição do sujeito e construção da fantasia. In: D.M Amparo, E. R. Lazzarini, I.M. Silva & L. Polejack. (Orgs). *Psicologia Clínica e cultura contemporânea 3*. (pp. 30-48).
- Etchegoyen, H. (2018). *The Fundamentals of Psychoanalytic Technique* (1st ed.). Taylor and Francis. Retrieved from <https://www.perlego.com/book/1509945/the-fundamentals-of-psychoanalytic-technique-pdf> (Original work published 2018)
- Faria, M. R. (1997). *O lugar dos pais na psicanálise de crianças* (Dissertação (Mestrado)). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ferenczi, S. (1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4)
- Figueiredo, Luís Claudio, & Minerbo, Marion. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. Recuperado em 15 de junho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt.
- Freud, S. (1996[1895a]). Projeto para uma Psicologia Científica. In J. Strachey (Ed.), *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos*. (1886-1889). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. I). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1893]). Estudos sobre a histeria. In J. Strachey (Ed.), *Estudos sobre a Histeria*. (1893-1895). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. II). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1899]). Lembranças encobridoras. In J. Strachey (Ed.), *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. (1893-1899). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. III). Imago, 2ª Ed.

- Freud, S. (1996[1900-1901]). A Interpretação dos Sonhos (II). In J. Strachey (Ed.), *A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos (1900-1901)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. V). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1906-1905]). Minhas Teses Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses. In J. Strachey (Ed.), *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. VII). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1908-1907]). Escritores Criativos e Devaneio. In J. Strachey (Ed.), *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. IX). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1916-1917a]). Conferência XVIII - Fixação em Traumas – O Inconsciente. In J. Strachey (Ed.), *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1915-1916)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVI). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1916-1917b]). Conferência XXV - A Ansiedade. In J. Strachey (Ed.), *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1915-1916)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVI). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1919]). Introdução a Psicanálise e as Neuroses de Guerra. In J. Strachey (Ed.), *Uma Neurose Infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVII). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1926-1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In J. Strachey (Ed.), *Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos (1925-1926)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XX). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1933-1932]). Ansiedade e Vida Instintual. In J. Strachey (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXII). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1937]). Construções em análise. In J. Strachey (Ed.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. (1937-1939)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXIII). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (1996[1939[1934-38]]). Moisés e o Monoteísmo Três Ensaio. In J. Strachey (Ed.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos.*

- (1937-1939). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXIII). Imago, 2ª Ed.
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. in S. Freud, Arte, literatura e os artistas. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: Obras Completas. (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Garcia-Roza, L. A. (1998). Introdução à metapsicologia freudiana (Vol. 1, 4a ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gibeault, A. (2002). Simbolização (processos de -). In: MIJOLLA, A. Dicionário internacional da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- Giles, C. (2007). Sobre o conceito de angústia em Freud. *Revista Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 33: 11-21.
- Green, A. (1988). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In A. Green, Sobre a loucura pessoal (pp. 36-65). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1975)
- Gregório, Gregório de Sordi. Do avatar ao sujeito: transicionalidade e identificação no espaço virtual. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília- Unb, Brasília, 2014.
- Holsti, O. Content analysis for the social sciences and humanities. Reading, MA: AddisonWesley, 1969
- Jucá; V; Vorcaro, A. M. R. (2019). Escarificações na adolescência: tentativas de reinscrição do sujeito por meio de cortes. In: Chatelard, D. S.; Maesso, M. C. (Eds.), O corpo no discurso psicanalítico (pp. 81-94). Curitiba: Appris.
- Jucá; V; Barros, Dejany, N.S; Lemos, Raquel M. (2021). As conversações e a narrativização do sofrimento psíquico entre adolescentes. In Revista de Psicologia. Fortaleza.
- Kancyper, L. (1999). Confrontação de gerações - Estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Knobel, M., & Aberastury, A. (1992). *Adolescência normal*. (Trad. S. M. G. Ballve), (10a edição). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klein, M. (1982). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Rivière, *Os progressos da psicanálise* (pp. 313-343). Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan
- Lacan, J. (1998). Agressividade em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998[1953]). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2009[1953-1954]). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Zahar.
- Lacan, J. (2008[1952]). *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Zahar.
- Lacan, J. (2005[1962-63]) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.440.
- Lacan, J. (Inédito). *O seminário, livro 14: A lógica da fantasia* (1966-67).
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (1990). *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*. Jorge Zahar.
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Levy, R. (2022). *A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Macedo, M. M. K., Werlang, B. S. G., & Dockhorn, C. N. de B. F.. (2008). *Vorstellung: a questão da representabilidade*. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 28(1), 68–81. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000100006>
- Magalhães, A. L. (2021). *Melhores aplicativos para publicar textos e histórias*. Editado por B. Salutes. Recuperado de <https://canaltech.com.br/apps/melhores-aplicativos-publicar-textos-historias/>
- Marty, F.. (2006). *Adolescência, violência e sociedade*. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 119–131. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100009>

- Marty, F. (2008). O genital, impasses e acesso. In C. Rezende, & F. Marty (Orgs.), *Destinos da adolescência* (pp. 55-68). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras.
- Marty, F. (2012). A função do agir na adolescência. In D. M. Amparo, S. Almeida, K. Brasil, M. I. Gandolfo, & F. Marty (Orgs.), *Adolescência e violência: intervenções clínica, psicossociais e educativas* (pp. 17-29). Brasília, DF: EdunB/Liber Livros.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Imago.
- Meirelles, F. S. (2022). Panorama do Uso de TI no Brasil - 2022. Recuperado de <https://portal.fgv.br/artigos/panorama-uso-ti-brasil-2022>
- Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J.. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26(2), 49–62.
- Meltzer, D. (2017). *O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos*. São Paulo, SP: Editora Blucher.
- Mezan, R. (2006). Pesquisa em Psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*. 39(70), pp. 227-241.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: Estudos de história da psicanálise*. Companhia das Letras.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (18a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Minerbo, M. (2013). A metapsicologia da simbolização segundo René Roussillon. In L. C. Figueiredo, B. B. Savietto, & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 147-155). São Paulo, SP: Escuta.
- Moraes, B. R. De, Weinmann, A. De O., & Sippert, A. (2021). Da adolescência atual ao atual da adolescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(4), 523-542. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p523.3>
- Moreno, M. M. A., Junior, N. E. C. (2012). Trauma: o avesso da memória. *Ágora*. 15(1). p. 47-61.
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2021). *Saúde do adolescente - OPAS/OMS* | Organização Pan-Americana da Saúde. (n.d.). [Www.paho.org](http://www.paho.org). <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-do-adolescente>
- Quinet, A. (1993) *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 124p.

- Rassial, J.-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ribeiro, M. F. R.. (2020). Da Identificação Projetiva Ao Conceito De Terceiro Analítico De Thomas Ogden: Um Pensamento Psicanalítico Em Busca De Um Autor. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 23(1), 57–65. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001007>
- Rolland, J. C. (2017). *Antes de ser aquele que fala*. Blucher.
- Rosa, M.D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta/Fapesp, 200. São Paulo.
- Ruthes, Fernando Roberto, & Lustoza, Rosane Zétola. (2018). Passagem ao ato e acting out: função e sentido da distinção. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 7(12), 120-132. Recuperado em 22 de abril de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Zahar.
- Roussillon, R. (2012). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30, 7-32. Recuperado de http://spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2012_1/01Roussillon.pdf
- Roussillon, R. (2012a). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER - Revista de estudos psicanalíticos*, 30(1), 7-32. Recuperado de <https://reneroussillon.files.wordpress.com/2014/08/rennc3a9e-de-roussillon-artigo-alter.pdf>
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In L. C. Figueiredo, B. B. Saviotto & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 107-122). São Paulo, SP: Escuta.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher.
- Santos, E. de J., & Bernardo, K. J. C. (2022). Criando o indizível: a escrita ficcional como uma possibilidade de sublimação. *Revista Psicologia, Diversidade E Saúde*, 11, e4473. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4473>
- Sei, Maíra Bonafé, & Zuanazzi, Ana Carolina. (2016). A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. *Psicologia Clínica*, 28(2), 89-108. Recuperado em 04 de junho de

2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200006&lng=pt&tlng=pt.

- Shaughnessy, J.; Zechmeister, E.; Zechmeister, J. Metodologia de pesquisa em psicologia. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.
- Silva, D. De S., & Almeida, I. M. M. Z. P. De. (2021). O adolescente, o fã e a escola: Reflexões sobre as (im)possibilidades do desejo no ato educativo. Revista da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, 35, 135-152.
- Soler, C. (2021). De um trauma ao Outro. Blucher.
- Tarouquella Rodrigues Brasil, K. C., Conte de Almeida, S. F., Matos do Amparo, D., & Pereira, A. M. R. (2015). Adolescência, violência e objetos culturais: uma intervenção entre o educativo e o terapêutico no espaço escolar. Estilos Da Clínica, 20(2), 205-225. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i2p205-225>
- Trinta, A. R. (2003). Marshall McLuhan, essencial. Lumina, 6, 1-14. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4387321/mod_resource/content/1/mhluan_essencial.pdf
- Todorov, T. (1975) Introdução à literatura fantástica. (Trad. Maria Clara Correa Castello). São Paulo: Perspectiva.
- Tyszler, J. J. (2014). O Fantasma na clínica psicanalítica. Ed. da AssociationLacanienne Internationale.
- Turato, E. R.. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Revista De Saúde Pública, 39(3), 507–514. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- Uchitel, M. (1997). Além dos limites da interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Urribarri, R. (2002). Considerações teórico-clínicas sobre as patologias severas na adolescência. Revista Fepal: Mudanças e Permanências, São Paulo, 217-230.
- Vorcaro, A. (2003). Sob a clínica: Escritas do caso. Estilos da Clínica, 8(14), 90-113.
- Weinmann, A. O. (2016). Notas sobre a erótica contemporânea. SIG: Revista de Psicanálise, 8(1), 11-21
- Winnicott, D. W. (1975) O brincar & a realidade Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1999). Os bebês e suas mães. (J. L. Camargo, Trad.) 2a ed. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (2000). Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. (D. Bogomoletz, Trad.) 2a ed. Rio de Janeiro: Imago Editora.

5 ANEXOS

Anexo 1 – Dados Gerais das fanfics

Id Acetor	GÊNERO (autenticação)	CATEGORIA	SINOPSE (texto do próprio autor)	TEMAS APREENDIDOS
1	Comédia, Família, Literatura Erotica	Comédia, Família, Literatura Erotica	<p>Depois de anos sofrendo por desejo o que não pode ter, Brian Stephens decide deixar a vida de casado para trás e se dedicar a si mesmo. Ele só não esperava que fosse encontrar uma terapia como ela. A dor ia sendo esquecida, mas ele se encantando cada vez mais por sua doutora de olhos azuis.</p> <p>Entre amor e terapia eles encontraram algo uma brecha para um desejo irreversível e imprudente.</p>	<p>deslizo amor, solidão, paixão pelo trabalho, tentativas e investidas na terapia, a história é contada em primeira pessoa por se tratar de POV's, luto e novos relacionamentos amorosos, ela pergunta para os leitores se queriam ter um caso. Solidão</p> <p>Paixão pelo trabalho</p> <p>Luto</p> <p>Perdas</p> <p>Traumas emocionais</p> <p>Autoconhecimento</p> <p>Relacionamentos interpessoais</p> <p>Búscia por ajuda terapêutica</p> <p>Vulnerabilidade e abertura emocional</p> <p>Insegurança e amor adolescente</p> <p>Intimidade sexual, sexo preto, descrição, abertura de relações sexuais, mesmo que primeira pessoa e abertura pessoal.</p>
2	Aventura, Família, Ficção, Ficção Adolescente, Literatura Erotica, Romântico / Shounen	Bargan Boys (BT S)	<p>Madé, primeiro capítulo pagante e de zero prozódia. Sin está obrigada a pedir ajuda a Alligood, seu irmão pródigo e sensível o trabalho mais remunerado da cidade.</p> <p>Com seus problemas no seu relacionamento, Uchiha Sakura não imaginava que a sua vida amorosa tivesse um curso tão complexo, resultando em problemas no relacionamento com o seu esposo, Uchiha Sasuke.</p> <p>Para esquecer as suas dúvidas e inseguranças quanto ao destino de seu casamento, a Uchiha não vê outra opção a não ser recorrer ao seu amigo pessoal e terapia particular, Uzumaki Naruto.</p> <p>Além, para combater a sua fome insaciável pelo calor de seu marido, ela sabia muito bem que precisava de ajuda.</p>	<p>confitos familiares, insegurança, luto/ao Terapi</p> <p>Apor</p> <p>Talibão</p> <p>Relacionamentos abusivos</p> <p>Autoestima</p>
3	Drama / Tragédia, Literatura Erotica, Romântico, Shounen	Naruto	<p>Sakura Gozen não se dá conta de que está vivendo um tanto estranho, coibir. Ela não notava os primeiros sinais por pensar deles, logo disso, a verdade é que, desde a infância, Sakura está acostumada a cobrir o que é dos outros.</p> <p>Conhecida pela masculinidade dos pais adotivos, a moçada acaba procurar ajuda médica, começando por uma breve terapia.</p> <p>Nas primeiras consultas, as conversas entre Sakura e o terapeuta que atende pelo nome de Justin são totalmente dentro do profissionalismo. Porém, aos poucos, ela passa a revelar seus medos e receios mais profundos, enquanto seu pai, o usário começa a enfrentar as barreiras profissionais que Justin criou em torno de si ao longo dos anos.</p>	<p>deprimida, lenda a terapia pelo país, desejo de fugir da terapia, além de outros, pais adotivos, outras profissionais, a história é contada em primeira pessoa, o relacionamento profissional, a figura do terapeuta como um mito disponível, relações familiares e a segurança/distanciamento.</p>
4	Drama / Tragédia, Família, Literatura Erotica, Universo Alternativo	Justin Bieber, Selena Gomez	<p>Justin Bieber é um renomado psicólogo, e entre seus pacientes favoritos estão o ator e ator de voz, Selena Gomez, com seu terrível trauma de relacionamentos, e o músico, Justin Bieber, com sua melancolia para de controle.</p> <p>Tudo mudou quando Selena desceu e que seus dois parceiros estão tendo um relacionamento saudável e começa a desgrudar Justin parte desse relacionamento também.</p>	<p>a fic começa com a descrição formal das fases do luto, escrita em primeira pessoa do psicólogo, descrição de intervenções, conflitos com a sexualidade, pedido de ajuda ao terapeuta, relato das fantasias e devaneios dos personagens, relações familiares</p>
5	Aventura, Gay / Yaoi, LGBTQIA+, Romântico, Shounen, Universo Alternativo	Se entrein	<p>Mark é um estudante de direito que tem que frequentar um terapia por ter desenvolvido um transtorno de ansiedade devido ao seu último término, enquanto sobre sua sexualidade ele sabe como lidar com a pressão social, ele se torna um psicólogo e começa a trabalhar com o paciente que quer lidar as coisas, ambas não impedem muito.</p>	<p>Romance homossexual;</p> <p>Terapia psicológica;</p> <p>Saúde mental e emocional;</p> <p>Relações interpessoais;</p> <p>Desobediência e aceitação;</p> <p>Diferença de idade em relacionamentos;</p> <p>Dificuldades e preconceitos em relacionamentos homossexuais;</p> <p>Autoconhecimento e descoberta de si mesmo;</p> <p>Amor e busca por companhia;</p> <p>Condições de saúde e bem-estar;</p> <p>Saúde mental;</p> <p>Depressão;</p> <p>Amor emocional;</p> <p>Problemas familiares;</p> <p>Bullying escolar;</p>
6	Drama / Tragédia, Gay / Yaoi, LGBTQIA+	Gaz7	<p>Semter escolta, aceita a proposta da minha mãe. Ela queria ajudar seu namorado a exercer pela primeira vez o trabalho como psicólogo, e viu em mim um perfil perfeito para ser a sua primeira paciente.</p> <p>O Doutor Inexistente estava disposto a mudar a minha vida, estava determinado a cuidar de mim e ajudar meus sentimentos de volta, salvar o que pudesse ter ferido de um coração, fazer meus olhos enxergar em mais do que o lado sujo do mundo. Ela só precisava que eu deixasse.</p>	<p>Romance homossexual;</p> <p>Terapia psicológica;</p> <p>Saúde mental e emocional;</p> <p>Relações interpessoais;</p> <p>Desobediência e aceitação;</p> <p>Diferença de idade em relacionamentos;</p> <p>Dificuldades e preconceitos em relacionamentos homossexuais;</p> <p>Autoconhecimento e descoberta de si mesmo;</p> <p>Amor e busca por companhia;</p> <p>Condições de saúde e bem-estar;</p> <p>Saúde mental;</p> <p>Depressão;</p> <p>Amor emocional;</p> <p>Problemas familiares;</p> <p>Bullying escolar;</p>
7	Ação, Drama / Tragédia, Ficção, Mistério, Policial, Suspense	Diana Fanning, Erik Fanning, Justin Bieber	<p>Changbin é um solista muito conhecido e mais influente em seu País o que faz ele ter problemas com o stress pelas imposições da empresa onde trabalha, como produtor e também se encorajava para não abandonar seu trabalho, mas um psicólogo incendeia um pensamento, mas como não responderia a mãe foi encaminhado para um outro profissional, em uma clínica de massagem e foi aí que sua vida mudou por completo.</p>	<p>Romance homossexual;</p> <p>Terapia psicológica;</p> <p>Saúde mental e emocional;</p> <p>Relações interpessoais;</p> <p>Desobediência e aceitação;</p> <p>Diferença de idade em relacionamentos;</p> <p>Dificuldades e preconceitos em relacionamentos homossexuais;</p> <p>Autoconhecimento e descoberta de si mesmo;</p> <p>Amor e busca por companhia;</p> <p>Condições de saúde e bem-estar;</p> <p>Saúde mental;</p> <p>Depressão;</p> <p>Amor emocional;</p> <p>Problemas familiares;</p> <p>Bullying escolar;</p>
8	Ficção, Gay / Yaoi, LGBTQIA+, Romântico / Shounen	Memamos, Stray Kids	<p>Um mundo da invisível Lulura é virado de pernas para o ar após acharem um alienado curioso e mágico em seu estogo escolar.</p> <p>Seus segredos são então proibidos a seus criadores agora são ameaçados por uma misteriosa psicóloga adotada pelo mundo, e tudo por culpa também.</p> <p>Uma história sobre desafios proibidos de uma perspectiva do cenário.</p>	<p>Romance homossexual;</p> <p>Terapia psicológica;</p> <p>Saúde mental e emocional;</p> <p>Relações interpessoais;</p> <p>Desobediência e aceitação;</p> <p>Diferença de idade em relacionamentos;</p> <p>Dificuldades e preconceitos em relacionamentos homossexuais;</p> <p>Autoconhecimento e descoberta de si mesmo;</p> <p>Amor e busca por companhia;</p> <p>Condições de saúde e bem-estar;</p> <p>Saúde mental;</p> <p>Depressão;</p> <p>Amor emocional;</p> <p>Problemas familiares;</p> <p>Bullying escolar;</p>
9	Drama / Tragédia, Ficção, Adolescente, Gay / Yaoi, Lésbica / Yuri, LGBTQIA+, Literatura Erotica, Literatura Feminina, Mistério, Policial, Romântico / Shounen	Histórias Originais	<p>Era difícil para Chang dizer o que sentia ou expressar suas verdadeiras emoções, nem mesmo Yvick conseguia tirar um detalhe dele. Quando tudo parecia perdido e ele não parecia ter mais controle sobre si mesmo — algo que ele acreditava ser o seu maior ponto forte — ele decidiu que precisava fazer algo que ele acreditava para uma leve sensação de terapia, mas tudo o que ele conseguia fazer sobre si mesmo, estava relacionado a problemas que não envolviam suas verdadeiras emoções.</p>	<p>Romance homossexual;</p> <p>Terapia psicológica;</p> <p>Saúde mental e emocional;</p> <p>Relações interpessoais;</p> <p>Desobediência e aceitação;</p> <p>Diferença de idade em relacionamentos;</p> <p>Dificuldades e preconceitos em relacionamentos homossexuais;</p> <p>Autoconhecimento e descoberta de si mesmo;</p> <p>Amor e busca por companhia;</p> <p>Condições de saúde e bem-estar;</p> <p>Saúde mental;</p> <p>Depressão;</p> <p>Amor emocional;</p> <p>Problemas familiares;</p> <p>Bullying escolar;</p>
10	Drama / Tragédia, Família, Ficção Adolescente, Gay / Yaoi, LGBTQIA+, Suspense	Squid Park	<p>Changbin é um solista muito conhecido e mais influente em seu País o que faz ele ter problemas com o stress pelas imposições da empresa onde trabalha, como produtor e também se encorajava para não abandonar seu trabalho, mas um psicólogo incendeia um pensamento, mas como não responderia a mãe foi encaminhado para um outro profissional, em uma clínica de massagem e foi aí que sua vida mudou por completo.</p>	<p>Romance homossexual;</p> <p>Terapia psicológica;</p> <p>Saúde mental e emocional;</p> <p>Relações interpessoais;</p> <p>Desobediência e aceitação;</p> <p>Diferença de idade em relacionamentos;</p> <p>Dificuldades e preconceitos em relacionamentos homossexuais;</p> <p>Autoconhecimento e descoberta de si mesmo;</p> <p>Amor e busca por companhia;</p> <p>Condições de saúde e bem-estar;</p> <p>Saúde mental;</p> <p>Depressão;</p> <p>Amor emocional;</p> <p>Problemas familiares;</p> <p>Bullying escolar;</p>

Anexo 3 – Questionário sobre os autores e funções das fanfics

As Fanfics e seus escritores

Prezado(a), este trabalho é parte de uma pesquisa mestrado, de responsabilidade de Carlos Eduardo dos Santos Sudário, estudante de mestrado da Universidade de Brasília (UnB), realizada sob orientação da Profª Draª Deise Matos do Amparo, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia (UnB). Tem-se como objetivo compreender o efeito da escrita de *fanfics* na saúde mental dos escritores. A sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. O seu nome não será divulgado e será mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que possibilitem identificá-lo/a. É importante que você leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seguir para decidir sobre sua participação neste estudo. O tempo estimado para a resposta é de aproximadamente 2 minutos.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. *



Você está sendo convidado/a participar da pesquisa sobre saúde mental de escritores de fanfics. Ela é de responsabilidade de Carlos Eduardo dos Santos Sudário, estudante de Mestrado da Universidade de Brasília-UnB, sob a orientação da professora Dr^a Deise Matos do Amparo, do programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é identificar e compreender o efeito da escrita de fanfics sobre a saúde mental do escritor.

Assim, gostaria de te consultar sobre o seu interesse e disponibilidade de cooperar com essa pesquisa. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer tipo de penalidade ou perda de benefícios.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa e te asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante omissão total das informações que permitam identificá-lo. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como a resposta aos instrumentos (este questionário) ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de formulário eletrônico, do aplicativo Google Docs, em uma única etapa. Após a concordância deste termo de consentimento livre e esclarecido, através de assinatura digital, você terá acesso ao questionário, um instrumento com algumas perguntas sobre dados dos escritores de fanfics. A sua participação na pesquisa tem o risco de gerar reações como tristeza e sentimento de reflexão. O pesquisador se coloca à disposição para conversar, caso você considere necessário.

Espera-se com essa pesquisa compreender os aspectos envolvidos no processo de escrita de fanfics e em como estas podem ajudar o escritor a superar problemas emocionais. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento e interromper sua participação a qualquer momento.

Se você tiver qualquer dúvida ou consideração em relação a pesquisa, você pode me contatar através do e-mail c.sudario@outlook.com. Os resultados do estudo serão disponibilizados por meio do e-mail após defesa da dissertação. É importante esclarecer que não serão os seus dados, mas as respostas de todos os participantes, de forma geral, sem identificação, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-8434 ou do e-mail cep.fce@gmail.com, horário de atendimento das 14h:00 às 18h:00, de segunda a sexta-feira. O CEP/FCE se localiza na Faculdade de Ceilândia, Sala AT07/66 – Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED) – Universidade de Brasília - Centro Metropolitano, conjunto A, lote 01, Brasília - DF. CEP: 72220-900.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios e concordo em participar da pesquisa por meio da minha anuência ao TCLE e estou ciente de que em qualquer instante e sem prejuízo, posso retirar minha assinatura quanto a participação na pesquisa, bem como solicitar a retirada do consentimento de utilização de dados.

Marcar apenas uma oval.

Li e concordo com o TCLE

3. Você é maior de 18 anos? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

4. Você faz ou já fez terapia? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

5. Durante o período de escrita da sua Fanfic, você estava em terapia? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. Você se identifica com algum dos personagens da historia que escreveu? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

7. Você observa algum beneficio após começar a escrever fanfics? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. Se houve algum benefício, você poderia falar sobre ele? (se não houver, ignore).

9. Qual a finalidade da suas fanfics? *

Marque todas que se aplicam.

- Lazer
- Válvula de escape
- estudar
- terapêutico
- desejo vender ou ganhar dinheiro com a escrita
- Outro: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Anexo 4 – E-mail-Convite aos participantes da pesquisa

PESQUISA DE MESTRADO - PODERIA ME AJUDAR?

Prezado(a) [nome do autor/a], este trabalho é parte de uma pesquisa mestrado, de responsabilidade de Carlos Eduardo dos Santos Sudário, estudante de mestrado da Universidade de Brasília (UnB), realizada sob orientação da Profª Draª Deise Matos do Amparo, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia (UnB). Tem-se como objetivo compreender o efeito da escrita de fanfics na saúde mental dos escritores. A sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. O seu nome não será divulgado e será mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que possibilitem identificá-lo/a. É importante que você leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seguir para decidir sobre sua participação neste estudo. O tempo estimado para a resposta é de aproximadamente 2 minutos.

<https://forms.gle/BfcNdG5mM8C74VNu9>
